

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Karina Alejandra Preter Ancamil

A CONJUGALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

TAUBATÉ
2020

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Karina Alejandra Preter Ancamil

A CONJUGALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do Certificado de Especialização pelo curso de Intervenção Familiar, Psicoterapia, Orientação e Mediação de Conflitos.

TAUBATÉ
2020

SIBi - Sistema Integrado de Bibliotecas – UNITAU

A538c Ancamil, Karina Alejandra Preter
A conjugalidade na contemporaneidade / Karina Alejandra
Preter Ancamil. -- 2020.
79 f. : il.

Monografia (especialização) - Universidade de Taubaté,
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2020.

Orientação: Profa. Dra. Sônia Maria de Oliveira, Pró-Reitoria
de Pesquisa e Pós-Graduação.

1. Conjugalidade. 2. Relação de casal. 3. Casamento.
4. Casal na modernidade. 5. Casal na contemporaneidade.
I. Título.

CDD – 306.84

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Karina Alejandra Preter Ancamil

A CONJUGALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do Certificado de Especialização pelo curso de Intervenção Familiar, Psicoterapia, Orientação e Mediação de Conflitos.

TAUBATÉ
2020

Karina Alejandra Preter Ancamil

A CONJUGALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do Certificado de Especialização pelo curso de Intervenção Familiar, Psicoterapia, Orientação e mediação de Conflitos.

Orientadora: Prof^a. Dra. Sônia Maria de Oliveira

Data: _____

Resultado: _____

Prof^a Dra Sônia Maria de Oliveira

RESUMO

As temáticas que envolvem a conjugalidade tem despertado o interesse de teóricos e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento ao longo dos tempos. A partir de uma breve digressão e contextualização histórica, o presente estudo se propôs a realizar um levantamento bibliográfico, exploratório e qualitativo, por meio de uma revisão sistemática dos artigos científicos que envolvessem temáticas acerca da conjugalidade sob a ótica da perspectiva do Pensamento Sistêmico Novo Paradigmático. Para tanto, foi utilizada a base de dados do sitio da Revista Científica Nova Perspectiva Sistêmica, publicação do Instituto NOOS, resultando em seis artigos entre os anos de 2011 a 2019. Mediante a discussão dos resultados encontrados, observou-se que os estudos realizados até o momento, consideram que tornar-se um casal é uma tarefa difícil e complexa por si mesma, apresentando estudos que visam caracterizar o fenômeno da conjugalidade ainda vinculado ao casamento tradicional e a noção da dinâmica das relações peculiares ao núcleo familiar. Compartilham da ideia acerca das influências advindas das transformações socioculturais ao longo do tempo, bem como, sobre a significativa interferência e seus desdobramentos na vida cotidiana dos indivíduos e da sociedade, os estudos nos apontam para um período de transição entre a modernidade e pós-modernidade, fazendo-se necessária a busca por novas teorias que permitam ampliar o conceito e a compreensão da diversidade de configurações e arranjos conjugais, bem como das questões inerentes a fluidez e a efemeridade dos relacionamentos contemporâneos.

Palavras-chaves: Conjugalidade. Relação de Casal. Casamento. Casal na Modernidade. Casal na Contemporaneidade.

ABSTRACT

The conjugal themes have awakened the interest of theorists and researchers from different areas of knowledge over the years. From a brief digression and historical contextualization, the present study proposed to carry out a bibliographic, exploratory and qualitative survey, through a systematic review of scientific articles involving conjugal themes from the perspective of the New Paradigmatic Systemic Thinking. For this, it was used the database of the website Revista Científica Nova Perspectiva Sistêmica, published by the NOOS Institute, resulting in six articles between the years 2011 and 2019. Through the discussion of the results found until the moment, it is considered that becoming a couple is a difficult and complex task in its own right, presenting studies that aim to characterize the conjugal phenomenon still linked to traditional marriage and the notion of the dynamics of relationships peculiar to the family nucleus. It shares the idea about the influences coming from socio-cultural transformations over time, as well as about the significant interference and its consequences in the daily lives of individuals and society, studies point us to a period of transition between modernity and postmodernity, making it necessary to search for new theories that allow us to expand the concept and understanding of the diversity of conjugal configurations and arrangements, as well as the issues inherent in the fluidity and in the ephemerality of contemporary relationships.

Keywords: Conjugal Themes. Couple Relationship. Marriage. Couple in Modernity. Couple in Contemporary.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. OBJETIVOS	11
2.1.1 Objetivo Geral	11
2.1.2 Objetivos Específicos.....	11
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
3.1 Sobre a revista Nova Perspectiva Sistêmica	12
3.2 Pensamento Sistêmico e Pensamento Sistêmico Novo-Paradigmático	15
3.3 Modernidade e Pós-Modernidade.....	18
3.4 Vínculo e Conjugalidade	27
3.5 Conjugalidade na Contemporaneidade.....	33
4. MÉTODO	46
5. RESULTADOS	49
5.1 Quadro 1	50
5.2 Quadro 2	52
5.3 Quadro 3	54
5.4 Quadro 4	57
5.5 Quadro 5	60
5.6 Quadro 6	64
6. ANÁLISE DOS DADOS	66
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
8. BIBLIOGRAFIA	74

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa como requisito para a Conclusão do Curso de Especialização do Departamento de Pós- Graduação da Universidade de Taubaté em Terapia Familiar. Psicoterapia, Orientação e Mediação de Conflitos, com o tema de estudo “A Conjugalidade na Contemporaneidade”, se propõem a realizar um levantamento bibliográfico, específico e sistemático em artigos científicos dos periódicos da revista científica Nova Perspectiva Sistêmica, publicação do Instituto NOOS, desde a primeira edição na versão on-line disponibilizada na homepage, datada de 2011, volume 20 de número 39 até sua publicação mais recente no volume 28 de número 65, que envolvessem a temática acerca da construção da conjugalidade nos tempos atuais.

A capacitação para o atendimento de casais e famílias em Terapia Familiar Sistêmica, adquirida no curso de pós-graduação, me permitiu adentrar nas bases teóricas do pensamento sistêmico novo paradigmático, proporcionando uma visão mais ampla da existência humana e dos processos psicossociais, especialmente por considerar a complexidade inerente na natureza do humano e o aspecto relacional como fatores determinantes para a constituição e o desenvolvimento do indivíduo.

Vasconcellos (2013), precursora do pensamento sistêmico novo paradigmático, se contrapondo a visão de homem e de mundo concebida na ciência tradicional, a qual está fundamentada na busca do conhecimento sob os pressupostos da simplicidade, estabilidade e objetividade, nos propõem a considerar a busca do conhecimento a partir de uma nova ciência, dando origem a ciência novo-paradigmática, visto que especialmente no que tange as ciências humanas, se faz necessário compreender os fenômenos psicossociais de maneira mais ampla e integrada, enquanto sistemas interligados, devendo considerar a complexidade dos aspectos inerentes da natureza humana e a capacidade de transformação contínua da sociedade. Portanto, pensar sistemicamente, significa pensar a partir dos pressupostos da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade, tendo em vista que “os pressupostos

da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade constituem em conjunto uma visão de mundo sistêmica.” (VASCONCELLOS, 2013, p. 147)

Esta abordagem epistemológica reflete a compreensão dos processos psicossociais, como o conjugal, foco deste estudo, como relações que se constituem e se definem enquanto um sistema de interação. Nessa perspectiva, procurou-se compreender as peculiaridades e complexidade das interações afetivas na construção da conjugalidade na contemporaneidade.

A experiência profissional relacionada à prática da terapia de casais ao longo de minha trajetória clínica, apesar de considerá-la modesta, tem me permitido acompanhar casais em diferentes configurações e arranjos, os quais, de modo geral buscavam pelo acompanhamento somente no momento de crise no relacionamento, como “último recurso” para “salvar a relação”, no intuito de obter respostas e resultados rápidos, quase que “mágicos” para o enfrentamento da situação de conflito.

Essa postura identificada em boa parte dos casais na busca pela terapia de casal aponta para uma das tendências da sociedade moderna, o imediatismo, um dos aspectos característicos advindos com a modernidade, considerando que se trata de uma sociedade forjada no modelo capitalista de organização.

Os avanços na modernidade contemplam as mais distintas áreas da vida humana, com eles surgiram novas possibilidades de existir no mundo e interagir com o outro, desencadeando também novos conflitos, que suscitam novos recursos e reflexões, assim a procura pela psicoterapia vem ganhando cada vez mais espaço na vida das pessoas, inclusive com os avanços da psicologia nas últimas décadas a sociedade se mostra mais consciente e aberta à possibilidade de cuidar de sua saúde mental e a buscar mais qualidade nas relações de modo geral.

Mas diferentemente da psicoterapia individual, que obviamente apresenta suas peculiaridades e desafios, a psicoterapia de casal nos convoca a uma interação com a dinâmica do casal, sendo que essa interação deve ser

contemplada pelo olhar da complexidade, aspecto esse inerente ao processo da construção da conjugalidade.

Férez-Carneiro e Neto (2010) compreendem que a formação da conjugalidade não envolve apenas as fases iniciais de engajamento amoroso, mas se trata de um processo contínuo, que ao longo do tempo vai estabelecendo padrões que poderão manter ou dissolver a conjugalidade e sua qualidade.

Percebemos de fato profundas mudanças no processo histórico da humanidade com a chegada da modernidade, obtivemos avanços que desencadearam significativas transformações na vida cotidiana dos indivíduos, seus desdobramentos alcançaram todas as áreas da vida humana abrindo espaço para uma multiplicidade de opções, se tornou possível escolher como e quando interagir uns com os outros, incluindo laços afetivos e amorosos, visto que a vivência temporal e espacial ganhou um novo significado com as inovadoras tecnologias e a desenfreada globalização, tudo passou a ser muito rápido e efêmero em nossas vidas.

Nesse contexto, tenho me deparado com as mais diversas queixas por parte dos casais, apontadas como a justificativa para a crise conjugal, dentre elas de modo geral, o ciúme excessivo, a desconfiança, os conflitos de relacionamento envolvendo interferência das famílias de origem, as dificuldades na área da sexualidade, os desentendimentos acerca da organização da vida cotidiana e divisão de tarefas entre o casal, as dificuldades de adaptação diante das diferenças individuais de cada membro, as dificuldades financeiras, a falta de apoio por parte de um dos membros ou ambos, discordâncias sobre a educação dos filhos, entre tantas outras queixas que promovem constantemente questionamentos e indagações em relação à minha prática, como aguça o interesse em compreender os diversos fatores que estão envolvidos no complexo processo de construção da conjugalidade, particularmente na contemporaneidade.

Nesse sentido, parece necessário considerar que o processo de construção da conjugalidade se estabelece no cotidiano da vida do casal,

situado num tempo e espaço, aspectos que provavelmente se encontram atrelados com a dinâmica estabelecida pelo casal, o que nos leva a questionar sobre a influência do meio social e histórico no qual se desenvolve o processo de construção da conjugalidade. Conforme proposto por Férez-Carneiro, ao discorrer que “o casal contemporâneo é confrontado, o tempo todo, por duas forças paradoxais que é o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade [...]”. (FÉREZ-CARNEIRO, 1998, n.p.)

Outra característica importante da atualidade a ser considerada se refere às diferentes configurações de conjugalidade que foram surgindo no processo histórico, relações que vem gradativamente sendo validadas e reproduzidas socialmente, de modo que foram afastando os padrões tradicionais de envolvimento afetivo, que contemplavam valores rígidos em relação ao casamento, como uma “união sagrada” e/ou “até que a morte nos separe”, no qual se delegava ao casal um compromisso duradouro, independente dos percalços existentes na convivência conjugal.

Paiva (2009) discorre que atualmente não é possível considerar apenas um único modelo de casal e de família, não havendo previsibilidade quanto durabilidade do vínculo conjugal, visto que esses vínculos cada vez mais assumem um caráter mais fluído e passageiro.

Obviamente o estudo não pretendeu esgotar as respostas para temas dessa magnitude, contudo, permite ampliar nossa visão acerca da temática e sua complexidade, incentivando por sua vez o investimento em novas pesquisas e publicações que possibilitem expandir a compreensão acerca do fenômeno.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Conhecer e compreender o conceito da conjugalidade contemporânea veiculado nas publicações em artigos científicos publicados na Revista Científica Nova Perspectiva Sistêmica

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer e compreender as configurações conjugais identificadas na atualidade;
- Conhecer e compreender os principais aspectos estudados e publicados acerca da temática;

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 SOBRE A REVISTA NOVA PERSPECTIVA SISTÊMICA

Em relação ao histórico do periódico, consta que a primeira edição da Revista Nova Perspectiva Sistêmica, está datada no mês de dezembro do ano de 1991, ano 1 de número 1, publicada pelo Instituto de Terapia De Família - Rio de Janeiro, o qual foi a editora responsável pela publicação da revista até o ano de 2010, seus exemplares se encontram apenas na versão impressa, sendo que alguns exemplares se encontram sem acesso.

No ano de 2011 o Instituto NOOS passou a assumir as publicações da revista, sendo que até o ano de 2015 existiam apenas as publicações impressas e a partir do início do ano de 2016 o instituto migrou para o sistema online, disponibilizando suas edições e artigos na íntegra em sua homepage. Se encontra indexada por DOAJ, PePSIC, BVS-PSI, MIAR Universitat Barcelona, Latindex, Clase, REDIB, Psicodoc, Periódicos CAPES e Google Scholar. Classificada no extrato B3 do Qualis.

De acordo com as informações colhidas na homepage o Instituto NOOS é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada e reconhecida como Utilidade Pública Federal em 1994. Constituída de profissionais das ciências humanas, sociais e da saúde, com o intuito de desenvolver e difundir práticas sociais sistêmicas.

A Revista Nova Perspectiva Sistêmica, publicação do Instituto NOOS, foi escolhida como base de dados para a pesquisa pela característica de suas publicações priorizarem as teorias e práticas embasadas no pensamento sistêmico e por se sustentarem nas normas e parâmetros de conduta que definem a integridade ética das atividades científicas, como poderá ser confirmado posteriormente, visto que todas as informações a seguir sobre a revista se encontram disponível no site da editora.

Acerca do objetivo da revista, temos que se propõem na divulgação de informações e conhecimentos derivados de estudos teóricos, de caráter qualitativo e relatos de experiência sobre famílias, terapia familiar, terapias

narrativas, práticas colaborativas, práticas sistêmicas contemporâneas e construcionismo social. Sobre as publicações dos trabalhos científicos, se visa priorizar as epistemologias pós-modernas que enfatizam a produção de sentidos e significados e a perspectiva relacional dialógica.

A revista conta com diferentes seções, se propondo a publicar com periodicidade quadrimestral, sendo nos meses de abril, agosto e dezembro de cada ano. Preza pela Política de Acesso Livre, seguindo o princípio de que ao disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público, proporciona maior democratização mundial do conhecimento. As publicações são definidas:

a) Traduções de artigos já publicados internacionalmente em outras revistas de autores/as de referências na área do escopo da revista;

b) Artigos originais;

c) Resenhas de filmes, séries ou outros conteúdos midiáticos, que são apresentados de forma reflexiva e crítica, relacionados aos temas do escopo da revista e da prática profissional;

d) Reflexões da prática profissional, relatos pontuais de experiências inovadoras e originais;

e) Entrevistas;

f) Relatórios ou ações práticas relacionadas ao escopo da revista;

g) Resenhas de livros e de artigos.

Em relação a ética e as práticas editoriais da revista, cabe ressaltar que indicam se sustentarem nas normas de conduta que definem a integridade ética das atividades científicas, aplicando aos pesquisadores, autores, editores e avaliadores as diretrizes básicas para a integridade da atividade científica e publicações referendadas nos documentos abaixo:

- A **Declaração de Singapura sobre Integridade em Pesquisa**, 2010, <https://wcrif.org/wcri2010>;

- O **Código de Boas Práticas em Pesquisa** da FAPESP, 2014, <http://www.fapesp.br/boaspraticas/>;
- As **Diretivas para a Integridade da Pesquisa** do CNPq, 2011, <http://cnpq.br/diretrizes>;
- O documento de Cooperação entre Instituições de Pesquisa e Periódicos em Casos de Integridade em Pesquisa: **Orientação do Comitê [Internacional] de Ética em Publicações – COPE** (https://publicationethics.org/files/Research_institutions_guidelines_final.pdf);
- A **Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 510**, de 07 de abril de 2016 – Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais (<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>).
 - **Best Practice Guidelines on Publishing Ethics** (<https://authorservices.wiley.com/ethics-guidelines/index.html>)

As características sobre a revista apresentadas acima nos demonstram aspectos que garantem a confiabilidade da base de dados selecionada para este estudo, bem como a valiosa contribuição das publicações científicas encontradas, que com todo o rigor acadêmico nos oferecem as experiências e práticas no campo da clínica.

Cabe ressaltar acerca do papel fundamental das produções e publicações de pesquisas e artigos científicos, visto que representam o conhecimento adquirido e compartilhado pelos mais diversos profissionais da área, contribuindo para a formação e contínua qualificação dos psicoterapeutas de casais e família, promovendo uma prática profissional comprometida com a ciência e a ética, que possibilitam fomentar as discussões e as reflexões sobre o processo histórico e cultural pelo qual a sociedade vai se transformando, e por sua vez, desencadeando novas demandas clínicas aos profissionais que se dedicam a compreender os fenômenos psíquicos e a subjetividade humana.

3.2 O PENSAMENTO SISTÊMICO E O PENSAMENTO SISTÊMICO NOVO PARADIGMÁTICO

Apesar de não haver intenção de discorrer minuciosamente sobre o histórico e evolução da ciência e filosofia, as quais desde sempre estiveram presentes na história da humanidade, este capítulo se propõe a situar o momento e o desenvolvimento do pensamento sistêmico e pensamento sistêmico novo paradigmático, por se tratar da referência teórica utilizada neste estudo.

Partindo inicialmente do entendimento acerca do pensamento sistêmico, pode-se inferir a partir das diversas literaturas realizadas sobre essa temática, que essa nova visão de homem e de mundo consiste na capacidade de desenvolver a compreensão dos fenômenos da vida como um sistema, ou vários sistemas interligados, cada um na sua totalidade, composto por um conjunto de partes que se relacionam direta ou indiretamente, ou seja, que um sistema ou o conjunto de sistemas podem ser compreendidos como um microsistema ou um macrosistema. Por meio do conhecimento do funcionamento do todo é possível sua análise e/ou a interferência no mesmo, considerando inclusive, que essa compreensão está atrelada ao ponto de vista daquele que observa o sistema, e que por sua vez, sistema e observador estão vinculados no tempo e espaço. De acordo com Vasconcellos (2013), estamos falando sobre uma nova maneira de fazer ciência e de compreender o mundo a nossa volta.

Tenho apresentado o pensamento sistêmico como uma forma nova de pensar cientificamente. Como já disse, tenho considerado o pensamento sistêmico como novo paradigma da ciência, ou seja, como um novo conjunto de pressupostos a embasar a atividade científica nos próximos tempos. Trata-se de uma forma de ver e pensar o mundo, e, portanto, de lidar com ele, que é bastante diferente de nossa forma tradicional de pensar ou de conhecer cientificamente o mundo. (VASCONCELLOS, 2013, p. 50)

Considerando os aspectos históricos da humanidade, ao longo do tempo sofremos transformações e mudanças da natureza, do homem e da sociedade, e diante desses fatores a ciência básica foi convocada a rever muitos dos seus conceitos e principalmente a se reinventar a partir de novos paradigmas.

Gomes et al (2014) descreve que o pensamento sistêmico desenvolveu seu arcabouço teórico e passou a ser reconhecido em meados do século XX, nasceu em contraposição ao pensamento "reducionista-mecanicista" herdado pela Revolução Científica dos séculos XVI e XVII, com seus representantes mais notáveis Galileu Galilei, Copérnico, René Descartes, Francis Bacon e Isaac Newton, os quais proporcionaram descobertas na Física, Astronomia e Matemática, esse período foi denominado de Mecanicismo Cartesiano, teve como símbolo o método analítico criado por Descartes, o qual postulava acerca da separação dos fenômenos complexos em partes, assim por meio das propriedades das partes seria possível compreender o comportamento do todo. Essa concepção de conhecimento do homem e do mundo contestou a visão medieval que prevalecia na época, a qual não será detalhada neste estudo.

Nesse contexto de entendimento de homem e de mundo como uma máquina, dividido em partes, regido por leis matemáticas exatas surge o pensamento sistêmico, o qual não negou a importância da racionalidade científica, mas defendeu que a ciência construída até aquele momento não oferecia parâmetros suficientes para a compreensão do desenvolvimento humano e do mundo diante de sua complexidade e para tanto, o conhecimento deveria ser desenvolvido conjuntamente com outras ciências e teorias que contemplassem a visão do todo e não apenas das partes, a subjetividade da natureza humana e seu contexto, considerando o tempo e o espaço, por meio de uma ciência epistêmica e não mais objetiva. (GOMES et al, 2014)

Vasconcellos (2013) em seus estudos acerca do pensamento sistêmico introduz um novo paradigma da ciência, no qual passa a distinguir e questionar a ciência tradicional, a qual está estruturada na compreensão do mundo e do homem sob os pressupostos da simplicidade, estabilidade e objetividade, um conhecimento construído na ideia de leis simples de funcionamento, na qual o todo é observado a partir da divisão de suas partes, decorrendo a análise e busca de relações causais lineares, a estabilidade para entender o todo como algo estável, não produtor de mudanças, havendo a regularidade da repetição, a objetividade que trabalha com a crença de que se é possível conhecer a

realidade das coisas e do mundo objetivamente, desconsiderando a subjetividade no processo e construção do conhecimento.

De fato, a ciência tradicional é inadequada para lidarmos com situações complexas, instáveis, que exigem que reconheçamos nossa participação no curso dos acontecimentos. Mas já não é preciso abandonar o domínio da ciência, pois temos um “novo paradigma sistêmico” que, mantendo-se científico, oferece possibilidade de lidarmos com essas situações. E ainda mais, que permite superar-se aquela disjunção entre conhecimento científico e a ética. (VASCONCELLOS, 2013, p. 22, grifo do autor)

Desta forma, Vasconcellos (2013), se contrapondo a visão de homem e de mundo concebida na ciência tradicional, nos propõem a considerar a busca do conhecimento a partir de uma nova ciência, dando origem a ciência novo-paradigmática, visto que especialmente no que tange as ciências humanas, se faz necessário compreender os fenômenos psicossociais de maneira mais ampla e integrada, enquanto sistemas interligados, considerando os aspectos inerentes da natureza humana como a complexidade e a capacidade de transformação contínua da sociedade. Portanto, pensar sistemicamente, significa pensar a partir dos pressupostos da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade, tendo em vista que “os pressupostos da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade constituem em conjunto uma visão de mundo sistêmica” (VASCONCELLOS, 2013, p. 147)

Nessa perspectiva, este estudo se propôs a compreender as relações conjugais na contemporaneidade, compreendendo que um casal corresponde a um sistema interligado a outros sistemas, exigindo um contínuo exercício de reflexão sobre os diversos aspectos que compõem uma relação de interação complexa.

Conforme nos apresenta Vasconcellos (2013).

A concepção de interações sistêmicas, de sistemas interligados a sistemas ou do mundo como sistemas de sistemas nos remete à ideia de *ecossistema*: vários sistemas, cada um com seu aspecto de totalidade, tais como um indivíduo, uma família, uma cidade, uma nação, interagindo numa rede dinâmica de interdependências e influências mútuas. (VASCONCELLOS, 2013, p. 206, grifo do autor).

3.3 MODERNIDADE E A PÓS – MODERNIDADE

Considerar o processo histórico da humanidade é de fundamental importância para qualquer estudo científico, de modo a contextualizar as transformações socioculturais, tendo em vista que passado, presente e futuro se entrelaçam na complexidade dos mais diversos aspectos da humanidade.

Para Heidegger (2017).

História não significa apenas o “passado” no sentido do que passou, mas também a sua *proveniência*. O que “tem história” encontra-se inserido num devir. O seu “desenvolvimento” pode ser ora ascensão, ora queda. O que, desse modo, “tem uma história” pode, ao mesmo tempo, “fazer” história. “Fazendo época”, determina-se numa “atualização”, o “futuro”. História significa, aqui, “um conjunto de acontecimentos e influências” que atravessa “passado”, “presente” e “futuro”. (HEIDEGGER, 2017, p. 470, grifo do autor)

Neste estudo, o resgate histórico dos processos socioculturais nos auxilia a compreender a complexidade desses fenômenos, especialmente pelo fato do interesse deste estudo se concentrar na conjugalidade, sendo este um dos importantes e igualmente complexo aspecto da vida humana. Nesse sentido, permite um vislumbre de onde estivemos, onde estamos e para onde talvez iremos, não no sentido de lugar, mas das transformações e mudanças nas interações sociais ao longo do tempo.

De acordo com o historiador cultural britânico Robert Hewison (1987), mencionado na obra de David Harvey (1992).

O impulso de preservar o passado é parte do impulso de preservar o eu. Sem saber onde estivemos, é difícil saber para onde estamos indo. O passado é o fundamento a identidade individual e coletiva; os objetos do passado são a fonte da significação como símbolos culturais. A continuidade entre passado e presente cria um sentido de sequência para o caos aleatório e, como a mudança é inevitável, um sistema estável de sentidos organizados nos permite lidar com a inovação e a decadência [...] (HEWISON, 1987 apud HARVEY, 1992 p.85)

Muitas rupturas históricas e epistemológicas ocorreram em vários momentos da história e ao longo da modernidade que transformaram a visão de homem e de mundo, aqui destaco apenas algumas delas, por não se tratar do foco deste estudo o aprofundamento histórico, mas uma breve

contextualização que permite compreender a importância da história em nossa vida e como a modernidade foi desabrochando.

Nesse sentido, iniciamos nossa jornada histórica entre os séculos XVI e XVII com o Renascimento, o qual desencadeou um importante movimento de ordem artística, cultural e científica que deflagrou a Idade Média para a Moderna, ocasionando transformações dos valores e do pensamento medieval, em seguida a Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero, e que muito embora, o movimento tenha sido motivado primeiramente por razões religiosas, impulsionou significativas mudanças políticas e sociais na época, no mesmo período, constam também os descobrimentos marítimos, que resultaram na expansão portuguesa e deram um contributo essencial para delinear o mapa do mundo e os avanços da tecnologia, ciência náutica, cartografia e astronomia. A transição do século XVIII para o XIX é marcado pelo surgimento do Iluminismo, movimento fomentado pelo interesse na exploração do mundo ainda desconhecido que impulsionaram as novas descobertas da ciência, a teoria da gravitação universal de Isaac Newton e o espírito de relativismo cultural.

Outro importante destaque na história ao final do século XIX e início do XX, se refere a consolidação do Sistema Capitalista, com a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, sendo consenso entre alguns historiadores que a Revolução Francesa seria o evento que consagra a chamada Idade Contemporânea, ou seja, esse período ganha o caráter de marco divisor entre a Idade Moderna e a Contemporânea, e ainda podemos mencionar a partilha da África e as delimitações dos imperialismos.

E por último, destaco que ao final do século XX e início do XXI ocorreu outra significativa ruptura histórica e epistemológica, a Globalização, movimento que vem ocorrendo no mundo, desencadeando profundas alterações nas relações, nos processos e estruturas, transformando-se em um processo histórico e social de extensas proporções. Sendo importante a partir deste momento, descrever acerca desse processo sob a perspectiva de alguns autores que se debruçaram sobre esse tema, para oferecer os subsídios

necessários para sustentar teoricamente este estudo relacionado a conjugalidade na contemporaneidade.

De acordo com o sociólogo britânico Antony Giddens (1991) a modernidade nos afeta de uma maneira sem precedentes, os modos de vida produzidos nos desprendem dos tipos tradicionais de ordem social, nos aspectos da sua extensibilidade, quanto em sua intencionalidade, tendo em vista que as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria das mudanças em tempos mais remotos. Para Giddens, o plano extensional, se refere às mudanças que serviram para conceber formas de interconexão social que cobrem todo o globo, sendo que em termos intencionais, alteraram algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana.

Segundo Giddens (2002) para repensar a natureza da modernidade, devemos considerar a reformulação das premissas básicas da análise sociológica, sendo necessário compreendê-la num nível institucional, o autor menciona em sua obra que as transformações introduzidas pelas instituições modernas estão entrelaçadas diretamente com a vida individual.

As instituições modernas diferem de todas as formas anteriores de ordem social quanto a seu dinamismo, ao grau em que interferem com hábitos e costumes tradicionais, e a seu impacto global. No entanto, essas não são apenas transformações sem extensão: a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência. (GIDDENS, 2002, pag. 09)

Ainda segundo Giddens (1991) as culturas tradicionais desempenham um importante papel na história, pois perpetuam as experiências de várias gerações e para ele obviamente, existem por sua vez, continuidades entre o que chamamos de tradicional e moderno. Considera equivocado contrastar a ambos de maneira superficial, pois ressalta que nenhum destes fatores forma um todo à parte, tendo em vista, que o velho e o novo se contradizem ao mesmo tempo em que se complementam, defendendo que o tradicional passa a ser reinventado no tempo e espaço. Conforme nos descreve em sua obra.

Nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A

tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes. A tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes. A tradição não só resiste à mudança como pertence a um contexto no qual há, separados, poucos marcadores temporais e espaciais em cujos termos a mudança pode ter alguma forma significativa. (GIDDENS, 1991, p. 38)

Segundo o filósofo polonês Zygmunt Bauman (2001), a modernidade é uma época em que a vida social passa a ter como centro a existência do individualismo, para ele se trata de uma fase marcada por uma expansiva autonomia do homem em relação à vida social, defendendo que no momento em que se percebe o surgimento de membros como indivíduos considera esta característica a marca de uma sociedade moderna.

Hoje em dia, "individualidade" significa em primeiro lugar a autonomia da pessoa, a qual, por sua vez, é percebida simultaneamente como direito e dever. Antes de qualquer outra coisa, a afirmação "Eu sou um indivíduo" significa que sou responsável por meus méritos e meus fracassos, e que é minha tarefa cultivar os méritos e reparar os fracassos. Como tarefa, a individualidade é o produto final de uma transformação societária disfarçada de descoberta pessoal [...]. O emergir da individualidade assinalou um progressivo enfraquecimento, a desintegração ou destruição da densa rede de vínculos sociais que amarrava com força a totalidade das atividades da vida. [...] (BAUMAN, 2007, p. 30 - 31)

Para Bauman (2007), a modernidade fomentou a organização social por meio do sistema capitalista, transformando-a em uma sociedade de consumo, portanto, num mundo capitalista. Ou seja, se um mundo capitalista é regido pelas leis do consumismo desenfreado, sempre será necessário adquirir algo novo, desta forma, considera que as relações humanas também passaram a se desenvolver sob a ótica do imediatismo, na oferta e na procura incessante de prazer imediato, tornando os vínculos afetivos por vezes passageiros e inconsistentes.

A sociedade de consumo tem por base a premissa de satisfazer os desejos humanos de uma forma que nenhuma sociedade do passado pôde realizar ou sonhar. A promessa de satisfação, no entanto, só permanecerá sedutora enquanto o desejo continuar irrealizado [...] (BAUMAN, 2007, p. 106)

Zygmunt Bauman (2011) em entrevista concedida na Inglaterra ao programa Fronteiras do Pensamento, analisando as características de nossa época e as relações amorosas, menciona que vivemos “tempos líquidos”, no qual “nada é feito para durar”, tampouco ser algo sólido, tudo que consumimos é rapidamente descartável e os relacionamentos afetivos por sua vez, “escorrem de nossas mãos, por entre os dedos, feito água”.

E assim é numa cultura consumista, como a nossa que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, a garantia de seguro total e a devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduz em exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço. (BAUMAN, 2004, p.21-22)

O sociólogo brasileiro Octavio Ianni (2001) descreve que o capitalismo compreende todo um vasto complexo processo social, econômico, político e cultural, defendendo que seu desenvolvimento é simultaneamente um processo de racionalização, pois juntamente com as relações, os processos e as estruturas próprias do capitalismo, ocorre o desenvolvimento de formas racionais de organização das atividades sociais em geral. No entanto, compreende que para tanto, torna-se indispensável a modificação de práticas e ideais, padrões e valores socioculturais, para ele, ao passo em que “se forma, consolida e expande, o capitalismo pode influenciar, criar, tensionar, modificar, redescobrir ou mesmo dissolver outras formas de organização das atividades produtivas e da vida sociocultural” . (IANNI, 1992, p. 147)

O mesmo autor ainda discorre.

Desde que se formou o moderno capitalismo, o mundo passou a ser influenciado pelo padrão de racionalidade gerado com cultura esse mesmo capitalismo. A administração das coisas, gentes e ideias [...] a definição jurídica dos direitos e das responsabilidades, a codificação do que é privado e do que é público, tudo isso passa constituir a trama das relações sociais [...]. A racionalidade originada com o mercado, a empresa, a cidade, o Estado e o direito tende a organizar progressivamente os mais diversos círculos de relações sociais, compreendendo os grupos sociais e as instituições em que se inserem, da fábrica à escola, da agência do poder estatal à família [...] (IANNI, 2001, p. 145-146)

O teórico da geografia britânico David Harvey questiona acerca das profundas consequências da modernidade, descrevendo “se estaria tão permeada pelo sentido do fugidio, do efêmero, do fragmentário e do contingente” (DAVID HARVEY, 1992, p. 22). De acordo com esse autor a modernidade não respeita seu passado, ou qualquer ordem social pré-moderna, segundo ele a transitoriedade das coisas na modernidade dificulta a preservação de todo sentido de continuidade histórica, sendo necessário descobrir e definir o sentido da história dentro do turbilhão da própria mudança.

Para Harvey, a modernidade envolve “uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes, como é caracterizada por um interminável processo de rupturas e fragmentações internas inerentes”. (HARVEY, 1992, p. 22)

Envolvendo diversas áreas do conhecimento, Harvey realiza uma retomada na história, comparando os elementos que considera formadores da modernidade, chegando ao que se costuma denominar atualmente de “pós-modernidade”. Propondo-se a analisar a “conjugação entre o efêmero e o fugidio”, entre “o eterno e o imutável”, características intrínsecas à modernidade, que ilustra com a descrição de Berman.

Há uma modalidade de experiência vital - experiência do espaço e do tempo, do eu e dos outros, das possibilidades e perigos de vida – que é partilhada por homens e mulheres em todo o mundo atual. Denominarei esse corpo de experiência ‘modernidade’. Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo – e, ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. Os ambientes e experiências modernos cruzam todas as fronteiras da geografia e da etnicidade, da classe e da nacionalidade, da religião e da ideologia; nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une toda a humanidade. Mas trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade da desunidade; ela nos arroja num redemoinho de perpétua desintegração e renovação, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é ser parte de um universo em que, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”. (BERMAN 1982, apud, HARVEY, 1992, p. 21, grifo do autor).

Após esta breve digressão, o princípio dialético entre o velho e o novo parece ser um consenso entre os estudiosos, contudo, diversos aspectos se encontram obscuros no que concerne à forma, ao ritmo e à velocidade das transformações vividas pelos sujeitos, seja individualmente ou em grupo.

O descompasso entre mudanças sociais e mudanças subjetivas com os quais nos deparamos, nos convoca imediatamente a reflexão acerca do ritmo e da velocidade em que os casais e as famílias processam suas metamorfoses, pois o processo em si que medeia essas duas instâncias por sua própria natureza cíclica, se movimentam em velocidades distintas.

O contexto contemporâneo considerado como um processo de transição entre a modernidade e a pós-modernidade e a dicotomia inerente entre o velho e o novo, se mostra um consenso entre os teóricos, conforme anteriormente apontando. Desta maneira, apesar das transformações serem relativamente recentes, mostra-se evidente que as condições pós-modernas amplificaram a complexidade das trocas relacionais e os processos sociais iniciados na modernidade.

Nesse sentido, inclusive não podemos deixar de considerar aqui a influência que sofremos com o uso das tecnologias, cada vez mais avançadas, que provocaram profundas mudanças no comportamento dos indivíduos, esfacelando as noções de tempo e espaço anteriormente concebidas, a sociedade passou a ser dotada de novos sentidos e significados.

Nicolaci-da-Costa (2002), jornalista e psicóloga, discorre em seu artigo acerca dos impactos das tecnologias e da internet na organização subjetiva de homens e mulheres contemporâneos, segundo a autora, vivemos em um momento ímpar neste início do século XXI, em que as novas Tecnologias da Informação se expandem e penetram todo o tecido social, transformando o planeta em uma Aldeia Global. Relaciona a Revolução Industrial com a Revolução das Tecnologias da Informação, ambos os processos ocasionaram significativos impactos nas últimas décadas e uma ruptura radical com a ordem precedente.

A geração de novos espaços de vida, as alterações de amplo alcance nos estilos de agir, de viver e de ser dos homens e mulheres que lhes foram contemporâneos e a proliferação de vocábulos que expressam novos interesses, novas necessidades, novas formas de vida, novos relacionamentos, novos conflitos. (NICOLACI-DA-COSTA, 2002, p.195)

De acordo com a mesma autora, embora facilmente seja detectada que as novas tecnologias afetam nossos hábitos e maneiras de agir, considera imperativo destacar que não é simples identificar os impactos mais profundos no modo de ser dos indivíduos. Descreve.

Algumas tecnologias também podem alterar radicalmente nossos modos de ser (como pensamos, como percebemos e organizamos o mundo externo e interno, como nos relacionamos com os outros e com nós mesmos, como sentimos, etc.) (NICOLACI-DA-COSTA, 2002, p.193)

Segundo Nicolaci-da-Costa (2009), em relação aos novos rearranjos do tempo e espaço aos quais estamos sujeitos na contemporaneidade, especialmente com o advento da internet, recurso com o qual nossas possibilidades passaram a ser ilimitadas, pois o espaço virtual nos concede diariamente uma gama de acesso inesgotável de espaços. Defende que “o quadro se torna ainda mais complexo quando é levado em conta o hibridismo físico-móvel virtual dos espaços produzidos pela telefonia celular”. (NICOLACI-da-COSTA, 2009, p. 455)

Desta maneira, parece necessário desenvolver um olhar ainda mais aguçado para compreender e captar esses arranjos espaciais singulares, que concedem à noção de espaço os atributos de híbrido e fluído, peculiaridades do nosso tempo, que produzem subjetividades e oferecem novas maneiras de conexão entre os indivíduos, modificando a maneira de interação social e afetiva entre as pessoas. De acordo com Nicolaci-da-Costa (2009).

A principal propriedade da telefonia celular é certamente a sua capacidade de conectar, instantaneamente, diferentes pontos do espaço físico independentemente da mobilidade dos interlocutores e/ou da distância. Esta conectividade, por sua vez, produz uma fluidificação do espaço físico [...]. Isso quer dizer que a fluidez virtual como que se acopla ao espaço físico e o transforma [...]. Em outras palavras, de posse de nossos celulares, podemos fluir por um espaço híbrido, um espaço físico que pode a qualquer momento ser conectado ao virtual por meio de comunicações via celulares. (NICOLACI-DA-COSTA, 2009, p. 455)

Portanto, a modernidade e pós-modernidade indiscutivelmente trouxeram consigo importantes avanços e por sua vez com esses avanços, também novos conflitos, desafios e complexidades, especialmente se observarmos a tendência à relativização das coisas, do mundo e dos sentidos,

que se desdobram na busca pelo imediatismo e consumismo desenfreado, desencadeando por vezes uma crise de valores e a superficialidade das relações, aspectos que na realidade se encontram presentes em todos os âmbitos da vida humana, sendo neste estudo um importante viés para contextualizar a conjugalidade na contemporaneidade.

Para além de tantas transformações advindas com a modernidade e pós-modernidade que a humanidade já vivenciou ao longo da história, atualmente com o fenómeno da pandemia de repercussão mundial, registrada pela OMS em 30 de janeiro de 2020, como o COVID-19 (Sars-Cov-2), estamos vivenciando mais um processo de radicais mudanças e transformações, em uma velocidade sem precedentes, que aparentemente já estão promovendo gradativamente mudanças de paradigmas nas diversas áreas do conhecimento, exigindo de todos os tipos de ciência novas produções científicas a partir dos questionamentos, dificuldades e complexidades originadas no cenário atual, visto que impactam a humanidade de maneira peculiar.

O Centro de Pesquisa em Ciência, Tecnologia e Sociedade do Ipea, reúne pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento para estudar os impactos que a ciência e a tecnologia têm na economia, na sociedade e na qualidade de vida das pessoas. No artigo “Ciência e Tecnologia frente à Pandemia”, dos pesquisadores Fernanda De Negri, Graziela Zucoloto, Pedro Miranda e Priscila Koeller, disponibilizado na homepage do Ipea, descrevem que nesse momento, a produção científica é crucial para melhor compreender a doença, seus efeitos e desenvolver soluções.

A pandemia de coronavírus (Covid-19) terá impactos significativos e ainda não completamente dimensionados sobre a sociedade. Trata-se de um evento inédito na história, dado que, no passado, epidemias parecidas se desenvolveram em um cenário de muito menor integração entre países e pessoas, divisão do trabalho e densidade populacional. (IPEA, 2020)

3.4 VÍNCULO E CONJUGALIDADE

Para adentrar ao tema conjugalidade faz-se necessário discorrer, mesmo que brevemente, acerca das relações humanas a partir da compreensão sobre vínculo, visto que a construção de vínculos é uma inclinação humana, de fundamental importância, que expressa muito mais do que meros relacionamentos ou contratos formais, se refere a ligações profundas de efeitos duradouros, mesmo que por vezes o vínculo seja de curta duração na atualidade.

Trata-se de um elo que pode ser saudável e positivo, possibilitando o crescimento e desenvolvimento ou ao contrário ser disfuncional, patológico e negativo corroborando para o adoecimento do indivíduo.

Para Anton, 2002.

Vínculo é tudo aquilo que liga, ata ou aperta.
É nó, é liame.
É o que dá nexos e sentido às palavras e a própria vida.
Vincular-se significa.
Relacionar-se com... eternizar-se...
Perpetuar-se, imortalizar-se.
A busca de vínculos equivale a busca pela própria vida, pela sua preservação, pelo seu desenvolvimento, pela sua continuidade...
(ANTON, 2002, p. 18)

O processo do desenvolvimento humano desde o nascimento está marcado por uniões e desprendimentos, adquirimos a partir das primeiras sensações a capacidade de estabelecer vínculos e vamos aprimorando essa habilidade de acordo com as experiências ao longo da vida. A forma como nos comprometemos nas mais diversas áreas da existência humana, seja na vida profissional ou sociocultural, por exemplo, demonstram por vezes maior capacidade de vínculo em uma área ou em outra. Porém, os estudos demonstram que os vínculos amorosos e sexuais representam grande importância na vida das pessoas e carregam em si uma maior complexidade.

Os estudos acerca da importância dos vínculos afetivos no desenvolvimento são inúmeros, muitos teóricos na história se debruçaram sobre este tema, porém, sob o título de Teoria do Apego, segundo Gomes, Melchiori (2012), datam que inicialmente fora postulada na metade do século XX por

John Bowlby e Mary Ainsworth, sendo Bowlby considerado o fundador da teoria, revolucionou o pensamento científico com seus estudos. A teoria do apego é baseada nos efeitos da privação, rejeição, perda e abandono, os quais Bowlby identificou junto ao seu colaborador James Robertson durante a segunda guerra mundial (1939-1945), na ocasião investigaram os efeitos psíquicos e suas consequências no desenvolvimento das crianças que haviam sofrido a separação ou perda precoce da figura materna e/ou seu grupo familiar e haviam passado a ser cuidadas em locais e por pessoas com as quais não havia nenhuma familiaridade. Mary Ainsworth et al (1978), a partir de suas pesquisas também contribuíram para o desenvolvimento e aprimoramento da teoria do apego, sendo os primeiros a diferenciar formas de estratégias utilizadas para garantir nossas necessidades de afeto, instituindo três categorias de apego para diferenciar as formas como nos relacionamos com as figuras de apego, sendo o apego seguro, o apego ambivalente e o apego evitante.

Ainda de acordo com Gomes, Melchiori (2012) consta que o desenvolvimento da teoria do apego sofreu influência da psicanálise de Freud e seus seguidores, quando Bowlby (1969, 1988) passou a utilizar do conceito de internalização da experiência afetiva com o cuidador principal na primeira infância, considerando-a como etapa fundamental do ciclo vital que exerce grande influência nas experiências posteriores da vida do indivíduo, supondo que a internalização seja um processo indutivo, ou seja.

As expectativas em relação aos outros, construídas a partir de experiências no início da vida, generalizam-se, posteriormente, para vínculos estabelecidos com pessoas significativas nos mais diferentes ambientes sociais. Nesse sentido a Teoria do Apego considera que crianças que vivenciaram uma relação de segurança e afeto com seus pais seriam adultos com maior probabilidade de repetir esse modelo em seus casamentos e de se sentirem mais felizes. (GOMES; MELCHIORI, 2012, p. 38)

A Teoria do Apego, portanto, pode ser considerada como uma abordagem da psicologia evolucionária, a qual compreende a natureza humana como um conjunto universal de adaptações psicológicas, perspectiva esta sustentada na teoria da evolução, que propõem a integração com as demais

ciências naturais, psicológicas, sociais e comportamentais, deste modo constituindo uma visão sistêmica acerca do homem e do mundo. Conforme Vasconcellos (2013), a proposta do pensamento sistêmico, se caracteriza pela perspectiva de que a ciência deve assumir novos pressupostos, considerando a complexidade dos fenômenos, em todos os níveis da natureza, a instabilidade do mundo, sua imprevisibilidade e incontrolabilidade dos fenômenos, a impossibilidade da objetividade e a inevitável coconstrução da “realidade” e de todo conhecimento sobre o mundo.

Nesse sentido, de acordo com Zerbini (2014), ao se referir a Teoria do Apego descreve que.

Esta abordagem segue uma perspectiva evolucionária, integrativa e sistêmica. Seus estudos focalizaram as diferentes formas de experiência familiar, vivenciadas por uma criança durante seu desenvolvimento e identificaram duas características importantes presentes nessa interação: a imagem que a criança tem de outras pessoas e a imagem que tem de si mesma. Estas imagens permearão os seus roteiros de procedimento de como construir a relação com o outro. (ZERBINI, 2014, p. 68)

Corroborando, com Pontes et al (2007), que a Teoria do Apego, desde sua formulação, têm fomentado inúmeros estudos sobre o desenvolvimento humano, nos quais se podem identificar contribuições a partir da convergência de perspectivas de bases biológicas e culturalistas, bem como as práticas que tem fundamentado a postura clínica, ressaltando em seus estudos teóricos como Bowlby, (1988), Ainsworth (1989), Byng-Hall (1991) e Johnson & Whiffen, (2003).

Esses e demais constructos vêm convergindo com outras áreas de estudo da psicologia, como por exemplo, as relações conjugais e o apego, vertente que busca investigar e compreender o processo de vinculação do casal utilizando dos postulados da Teoria do Apego. Tal vertente se baseia na proposta de que a Teoria de Apego permite compreender o comportamento humano em termos de um sistema motivacional, o qual interage com outros sistemas, podendo ser considerada como uma teoria relacional das interações sociopsicológicas.

Para Anton (2012).

A relação de um ser humano com outro ser humano e tudo o que ele faz na vida derivam sempre das relações que estabelece com o próprio self; ou seja, de seus registros pessoais, de suas crenças e dos recursos que desenvolveu, integrando sua bagagem genética com seus diferentes modelos e níveis de aprendizagem. (ANTON, 2012, p.19)

Segundo Pontes et al (2007) compreender a díade e os sistemas familiares como distintos e, ao mesmo tempo, interconectados, permite conceber a integração da teoria dos sistemas com a teoria do apego, buscando reconhecer cada nível como distinto mas ao mesmo tempo interconectado com outros níveis.

Neste estudo, contudo, apesar de considerar a existência de relações triádicas nos arranjos conjugais, se propôs a compreender as relações diádicas nas configurações conjugais, visto que estas já possuem estruturas sistêmicas com propriedades e leis únicas significativamente complexas. Desta forma, observou-se que os estudos buscam investigar essa temática por diversas vertentes.

Segundo Azevedo (2013) os estudos acerca dos relacionamentos conjugais evidenciam um interesse particular no amor romântico, pretendem compreender as diversas características implicadas no amor, visto que o amor é conceituado como uma teoria emocional e como um conjunto complexo de sistemas comportamentais. Esta autora corrobora com o fato dessas propostas e teorias também poderem ser integradas no referencial teórico da vinculação, tendo em vista, que seria inerente da natureza humana a necessidade de estabelecer vínculos afetivos. Descreve que “um dos conceitos importantes da teoria da vinculação de Bowlby é a existência da necessidade humana universal para o estabelecimento e laços afetivos de proximidade” (BAWLBY, 1969/1997, 1980/1998, 1988/2005 apud AZEVEDO, 2013, p. 31).

A psicologia contemporânea tem defendido que o desenvolvimento humano se trata de um fenômeno multideterminado, que sofre a ação das variáveis que constituem o contexto, no tempo e espaço, no qual o sujeito se

encontra inserido. Nesse sentido, podemos inferir novamente, que essa perspectiva vai de encontro com o pensamento sistêmico, no qual a noção de contexto envolve não apenas sua natureza física, mas também os elementos simbólicos, sociais e culturais.

Portanto, tendo em vista que a dinâmica do apego está sujeita à ação de fatores de natureza individual, relacional e contextual, o vínculo conjugal estaria dentre os vínculos primordiais estabelecidos pelo indivíduo ao longo da vida.

De acordo com López (2008).

A construção do vínculo conjugal, nos dias atuais, é fruto da escolha entre os parceiros, que, via de regra, não visa o valor econômico, ou o interesse, mas que buscam uma realização profunda do ser. O vínculo é percebido, em primeira instância, como uma resposta de amar e ser amado. (LOPEZ, 2008. p. 11)

A busca pela compreensão da dinâmica da conjugalidade exige um contínuo exercício de reflexão sobre os diversos aspectos que compõem uma relação de interação complexa. Essa complexidade foi descrita e compreendida por Anton (2012) como a interação de dois sistemas individuais, dois sistemas familiares, considerando seus aspectos transgeracionais e o contexto em que os cônjuges convivem.

Nessa perspectiva, encontramos a expressão utilizada por Philippe Caillé (1991) para definir a relação de casal como “um e um são três”, conforme citado por Férez-Carneiro (1998), a qual descreve que cada casal cria seu modelo único de relacionamento, ambos os autores utilizam a denominação de "absoluto do casal" para esse aspecto da relação, um fator que segundo eles teria como finalidade definir e delinear a existência conjugal e por sua vez, determinar seus limites e possibilidades.

Para Anton (2012), a definição de casal corresponde a considerar na dinâmica os dois parceiros e seu "modelo único", seu absoluto. Sendo que para esse "absoluto do casal" Férez-Carneiro (1998), denominou de "identidade conjugal", e na literatura sobre casamento e terapia de casal, de modo geral se encontra esse conceito designado, como “conjugalidade”.

Estudos sobre casamento e família, abordam a conjugalidade como um processo que visa estabelecer uma realidade em comum, autores como Berger e Kellner (1964), Féres Carneiro (2008), Féres Carneiro e Diniz Neto (2008) e Grandesso (2000), compartilham da compreensão de que o processo da conjugalidade submete a ambos os parceiros no investimento e no engajamento da relação a dois, sendo que estes experimentam nesse processo a reconstrução de sua realidade individual, instituindo referências comuns e uma identidade conjugal.

Para Feréz-Carneiro, Neto (2010)

A relação é construída a partir de trocas verbais e não verbais entre os parceiros que coordenam suas ações recíprocas no universo social de significado, comprometendo-se com a construção de uma história comum, na qual as mudanças na pauta de ação de um dos cônjuges afeta o outro. (FEREZ-CARNEIRO; NETO, 2010, pg. 270).

Desta maneira compreendemos que existe uma multiplicidade de fatores que se interseccionam e reverberam para o crescimento, desenvolvimento e amadurecimento da relação conjugal.

3.5 - CONJUGALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Vivemos em um tempo de rupturas dos padrões tradicionais de relacionamentos amorosos, os modelos de casamento e de família, foram se transformando e abrindo espaço para novas configurações, passamos por uma revolução de comportamentos, com a existência de múltiplos paradigmas de certo e errado, nos exigindo um olhar mais amplo para compreender as diversas possibilidades de serem vivenciadas as relações afetivas atualmente.

Tudo o que parecia estável, transforma-se, recria-se ou dissolve-se. Nada permanece. “E o que permanece já não é mais a mesma coisa”. [...] “Alteram-se as relações do presente com o passado; e o futuro parece ainda mais incerto”. [...] “O que predomina é o dado imediato do que se vê, ouve, sente, faz, produz, consome, desfruta, carece, sofre, padece”. (IANNI, 2001, p.29).

Diante das profundas transformações com a modernidade e pós-modernidade ao longo dos tempos, destaco a partir do recorte na história os impactos sofridos no século XIX e XX, do pós-guerra e nos anos 60, que marcam um período de movimentos socioculturais que se propunham a contestar toda organização social até então imposta, ademais das mudanças políticas, econômicas e sociais, o modelo da família patriarcal passou a ser contestado, por se constituir como fruto do matrimônio enquanto instituição legalizada pelo poder patriarcal e pela igreja Católica desde o século XIII. Apesar de o casamento ter se mantido impregnado pelo romantismo, era visto como sagrado, definitivo e irrevogável.

Contudo, de acordo com Saúl Fuks (2008) o romantismo apesar de idealizado no contexto do matrimônio, este se mantinha sob o modelo tradicional conforme mencionado acima, e em meados do século XX ao ser contestado, passou a ceder lugar para um dos fatores possivelmente mais perturbadores para as tradições até aquele momento, a reivindicação da “escolha” nas questões relacionadas ao amor, dando origem ao “amor romântico”, entendido como a legitimação da paixão e como um novo “modo de existência”.

A legitimação da paixão como “modo de existência”, prototípico do amor romântico, trouxe consigo tensões entre as formas socialmente

aceitáveis de convivência e as turbulências do amor começaram a se tornar dilemáticas e, como consequência, a pressão de ter que escolher entre uma e outra começou a definir o destino das pessoas. (FUKS, 2008, p.26)

Para Giddens (1993), o amor romântico rompeu com a sexualidade “casta”, apesar de abarcá-la passou a assumir um novo sentido para ambos os sexos, não mais com a conotação de inocência, mas como qualidade de caráter, que distingue a outra pessoa como especial. O amor nessa perspectiva introduziu a ideia de uma nova narrativa para uma vida individual, amplificando radicalmente segundo o autor a reflexividade do amor sublime, o qual se encontrava atrelado aos valores morais da cristandade. Segundo o autor “contar uma história torna-se agora individualizada, inserindo o eu e o outro em uma narrativa pessoal, sem ligação particular com os processos sociais mais amplos” (GIDDENS, 1993, p.50)

As autoras Férez-Carneiro e Magalhães (2005) compartilham da ideia de que a industrialização crescente da sociedade contribuiu para a demarcação dos espaços públicos e privados, transformando o cotidiano e o modo de existir de homens e mulheres, o trabalho passou a ter um lugar fora de casa e a ser remunerado, realizado a princípio exclusivamente pelos homens, já a casa, enquanto domínio do privado, durante muito tempo se manteve atrelada a noção de que a responsabilidade era exclusivamente da mulher, tanto em relação aos afazeres domésticos como a educação dos filhos.

Para as autoras esse período caracteriza a transição da família feudal para a família burguesa moderna, e não se atendo apenas à história da vida cotidiana, referem que a vida na sociedade moderna se encontra marcada por aspectos antagônicos. Consideram.

A sociedade industrial moderna caracterizou-se por uma série de pares de oposição: casa/trabalho, trabalho/lazer, produção/reprodução, adulto/criança, brincadeira/trabalho [...] traços-chaves que vão desde as relações de produção até a constituição de subjetividades, em que se acentuam a intimidade, a individualidade, as identidades pessoais [...] reestruturando tanto seus territórios como suas significações. Organiza-se, então, uma mudança radical nas prioridades da vida, em que começam a ser enfatizados o livre-arbítrio e a busca de felicidade pessoal. (FÉREZ-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2005, p. 123)

Saúl Fuks (2008), citando Edward Shorter (1993) um importante historiador da família, descreve que Shorter na década dos anos 60 contribuiu para conceituar a família “moderna” enquanto uma instituição que se desenvolveu num contexto sócio histórico, e com essa perspectiva colaborou para dar visibilidade a um fenômeno que começava a se insinuar timidamente na época: “o *casal* começava a se diferenciar da *família*” (SHORTER, 1993 apud FUKS, 2008 p.26, grifo do autor)

Assim nesse contexto histórico, surgiu uma nova concepção de sujeito e intersubjetividade que gradativamente ganhou espaço e transformou a ideia inicial de casamento como resultado da união baseada no amor romântico, e somado a outros acontecimentos e movimentos sociais, mulheres e homens foram criando novos arranjos e configurações de casal.

Para alguns autores o século XX pode ser avaliado como o mais romântico da história, como “love was in the air”, especialmente considerado toda a produção artística e cultural, refletida nas histórias de novelas, filmes, músicas, a cultura pop, galanteio, flores, chocolates e cavalheirismo, tudo parecia correr bem. Contudo, a sociedade se manteve extremamente machista na época, em menos escala atualmente, porém ainda permeada por estereótipos que concebem à mulher a condição de submissão e obediência.

Para Fuks (2008), de maneira a contestar esse cenário, nos anos 60/70 surgem novos e importantes movimentos revolucionários, um deles encabeçado pelas mulheres, movimento denominado de Feminismo, que desencadeia uma nova evolução social, de transformações culturais com a revisão dos papéis “sexuais” e a concepção de “gênero”. O feminismo teve um papel fundamental na luta pela igualdade de gênero e influenciou a mudança e o enfraquecimento da família hierárquica fundamentada sob o poder patriarcal.

Para Joan Scott (1995) o termo "gênero" é uma maneira de indicar as "construções culturais", a concepção inteiramente social de ideias acerca dos papéis adequados para homens e mulheres. “Trata-se de uma forma de se

referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres”. (SCOTT, 1995, p. 75)

Ou seja, os aspectos socioculturais e os significados associados as peculiaridades de cada contexto e cultura, nos quais o indivíduo está inserido, passaram a definir e diferenciar os gêneros feminino e masculino, caracterizando-se como um constructo social. Desta forma, no final do século XX as relações de gênero, desencadearam o surgimento de interações entre homem e mulher mais horizontais e igualitárias, apesar de ainda serem observadas significativas diferenciações entre os gêneros, prevalendo como a principal forma de significar as relações de poder existente entre eles.

Fuks (2008) ainda menciona que aproveitando as fendas abertas pela nova concepção e o reconhecimento da mulher, surgiu paralelamente outro movimento, no qual se produziu a tormentosa irrupção do mundo dos jovens, impactando uma sociedade que até aquele momento, se mantinha regulada pelos seus antepassados, nesse cenário, a irrupção do protagonismo feminino e dos jovens, foram fatores determinantes nas grandes transformações das relações familiares e de casal na modernidade.

Essa incipiente presença política, cultural e econômica dos jovens os catapultou a uma liberdade crescente, embora também os inundasse de responsabilidades; uma mudança que produziu um corte transversal na estrutura das gerações do período pós-guerra. Com uma consciência progressiva do protagonismo adquirido, os jovens, em sua epopeia, optaram por seus iguais como grupo de referência e elegeram o suporte das “redes” e dos grupos de “pares” a fim de obter a força que lhes permitisse o questionamento da velha moral tradicional, levantando bandeiras que reivindicavam e exaltavam a felicidade pessoal e o autodesenvolvimento como valores ideais. (FUKS, 2008, p.27, grifo do autor)

Para o mesmo autor, as transformações advindas com a modernidade favorecem e desencadeiam até os dias atuais a concepção de romance, sexo e casamento como processos interligados e naturais. No entanto, essa ideia é de fato uma inovação revolucionária, considerando o cenário sócio cultural que imperou durante tanto tempo na história da humanidade.

Para Jablonsky (2001) o ritual do casamento ainda parece ser importante, mas não fundamental, inclusive considera que a sociedade moderna tem assumido uma postura de ambivalência frente ao casamento, pelo fato de que atualmente para homens e mulheres o mais importante no relacionamento afetivo se mostra ser o amor e o crescimento pessoal, fatores estes que lhe oferecem a capacidade de viver relações calcadas à base do companheirismo, cumplicidade e respeito.

Para o mesmo autor, família e casamento são duas das mais antigas instituições sociais da humanidade e enfrentaram ao longo dos tempos, toda espécie de desafios e obstáculos. E, ao que parece, estamos vivendo uma época de acirramento das condições que podem levar o modelo tradicional de família e casamento a uma situação limite. (JABLONSKY, 2001, p.66)

Em primeiro lugar a família tradicional, sinônimo de produção econômica conjunta, autoridade paterna, casamento com ênfase em seus aspectos funcionais, conexões com a comunidade e com os (muitos) parentes. Em seguida, a família moderna (também chamada de psicológica), altamente influenciada pelo crescente e dominante espírito de individualismo, caracterizando-se pela sua mobilidade, por ser mais nuclear, não tão permanente, e menos atrelada à comunidade, mais igualitária e centrada nos sentimentos, na afeição. Finalmente, no final do século, estaríamos assistindo ao nascimento de uma nova “espécie”: a família pluralística (ou pós-moderna), que teria como principal característica a aceitação e a convivência de várias formas de arranjos não tradicionais, além de ser ainda menos permanente mais flexível e mais igualitária que a anterior. (JABLONSKY, 2001, p.66)

O matrimônio na sociedade contemporânea é baseado em escolhas recíprocas de afetividade, sexualidade e noções de amor, porém percebe-se que valores calcados à luz da relação dos indivíduos e suas famílias de origem, carregam em si o modelo tradicional de acordo com cada geração, em um tempo e espaço. Jablonki (2001) descreve.

O fato de que boa parte da atual crise ancora-se na impossibilidade de se conviver com demandas tão antagônicas, impostas pela própria sociedade. Monogamia versus permissividade, permanência versus apelo ao novo, tradição versus novidade, vida em família versus incentivo à realização pessoal, culto à efemeridade das paixões versus estabilidade das relações. (JABLONSKI, 2001, p.72)

Nesse cenário, a partir da breve digressão, adentramos ao foco deste estudo, que se refere à conjugalidade na contemporaneidade, e chegamos ao fato de que as condições pós-modernas favoreceram para a inexistência de um modelo único de relacionamento, bem como de família, possibilitando vários arranjos conjugais e familiares, tais como: famílias compostas por recasados, divorciados, coabitantes, monoparentais, homoafetivas, entre tantas outras, marcando um período no qual, pelo fato das transformações serem consideradas ainda muito recentes, a sociedade procura pela consolidação dos valores adquiridos, das expectativas levantadas e das novas conquistas alcançadas. Segundo Cervený (2011).

Todos os estudos recentes sobre o assunto mostram, de alguma maneira, a dificuldade para a utilização consensual do termo família na nossa realidade e a consequente necessidade de delimitar e definir esse grupo em nossos trabalhos de investigação e também na prática clínica da terapia familiar. Famílias foram e são estudadas por vários segmentos da ciência em diferentes dimensões espaço-temporais e, possivelmente, nenhum estudo vai esgotar o assunto e fornecer resposta para todos os questionamentos. (CERNEVY, 2011, p.27)

E para além das diversas configurações e arranjos de casal e família, a época pós-moderna nos revela um contexto muito mais fluído e como Zigmunt Baumam sugere “líquido”, um tempo no qual se torna visível que a condição e os modos de conceber a “identidade” do “sujeito social”, resvalam na narrativa do “eu”, do “indivíduo”, favorecendo para que as tendências das trocas relacionais tenham um caráter fragmentário, descontínuo, de ruptura e deslocamento.

Para Fuks (2008)

Os ingredientes de-constructores de “papéis”, “identidades” e “gêneros” contribuíram para a produção de uma “ideologia da intimidade” que transmutou categorias políticas em categorias psicológicas. A transformação do modo de conceber a “relação humana”, própria da modernidade, estava fundada no ideal de chegar a uma “identidade compartilhada”, social, ideológica, cultural, afetiva, orientada para o consenso, a negociação e o diálogo. (FUKS, 2008, p. 27)

Observamos que a modernidade fomentou a organização social por meio do sistema capitalista, regido pelas leis do consumismo desenfreado, um sistema que corrobora para que as relações humanas se desenvolvam em um

contexto permeado sob a ótica do imediatismo, da oferta e da procura incessante de prazer, tornando os vínculos afetivos por vezes passageiros e inconsistentes. Para Bauman (2004)

A vida consumista favorece a leveza e a velocidade. E também a novidade e a variedade que elas promovem e facilitam. É a rotatividade, não o volume de compras, que mede o sucesso na vida do homo consumens. Em geral, a capacidade de utilização de um bem sobrevive à sua utilidade para o consumidor. Mas, usada repetidamente, a mercadoria adquirida impede a busca por variedade, e a cada uso a aparência de novidade vai se desvanecendo e se apagando. (BAUMAN, 2004, p.32)

Nesse sentido, Bauman (2004), em sua obra “Amor Líquido”, mencionando Catherine Jarvie, a qual denomina as relações contemporâneas de “relações de bolso”, descreve acerca de sua natureza descompromissada, descontínua, descartável, e explica.

São assim chamadas porque você as guarda no bolso de modo a poder lançar mão delas quando for preciso. Uma relação de bolso bem sucedida, diz Jarvie, é doce e de curta duração. Podemos supor que seja doce porque tem curta duração, e que sua doçura se abrigue precisamente naquela reconfortante consciência de que você não precisa sair do seu caminho nem se desdobrar para mantê-la intacta por um tempo maior. De fato, você não precisa fazer nada para aproveitá-la. Uma "relação de bolso" é a encarnação da instantaneidade e da disponibilidade. (JARVIE, 2002, apud BAUMAN, 2008, p. 18, grifo do autor)

Ainda para Bauman (2004), o amor, está relacionado muito mais a condição de “apaixonado”, condição esta que impera nas relações contemporâneas, e pela sua própria natureza, se trata de uma condição recorrente, de busca incessante, que não se basta em si mesma, ou em uma única tentativa. Segundo ele, essa situação não surpreende, afinal, a definição romântica do amor como “até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda, não representa mais utilidade em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir, referindo-se as parcerias constituídas nesse contexto de “parcerias frouxas”, expandindo significativamente o que se denomina de “amor”.

Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões do amor, esses padrões foram baixados. Como resultado, o conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra amor

expandiu-se muito. Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de "fazer amor". (BAUMAN, 2004, p.10)

Nesse sentido, nos deparamos com o paradoxo no qual repousa a condição existencial dos indivíduos na sociedade moderna, tendo em vista, que o impulso pela busca da individualidade, embaraça na aceitação social, ou seja, é na intersubjetividade que a identidade individual se desenvolve. No entanto, o que ressalta na modernidade é a apologia à liberdade de cada indivíduo, em detrimento do coletivo e da busca pelo bem comum, que se traduz nas dificuldades vivenciadas por alguns casais, que giram em torno do desafio em conseguir conciliar o projeto individual a um projeto comum de casal.

Segundo Bauman (2004).

Por um lado, o indivíduo precisa definir uma diferença estável e defensável entre sua própria pessoa e o mundo social mais amplo, impessoal e impenetrável lá fora. Por outro lado, porém, essa diferença, precisamente para ser estável e confiável precisa de afirmação social e deve ser obtida de uma forma que também desfrute de aprovação social. A individualidade depende da conformidade social; a luta pela individualidade requer que os laços sociais sejam fortalecidos e a dependência social aprofundada. O mundo subjetivo que constitui a identidade da personalidade individual só pode ser sustentado por meio da troca intersubjetiva. Nessa troca, um parceiro "deve ser capaz de dar seu apoio ao mundo do outro (embora suas experiências interiores sejam altamente individuais)" (BAUMAN, 1999, p.212, grifo do autor)

Como também, muito bem nos descreve Carvalho Campos (2010), em seu artigo.

Estamos entregues a essa grande compulsão que se instala de maneira globalizante, estamos cegos para olhar a nós mesmos e ao outro, substituindo relações por vícios, trabalho desenfreado e cacarecos pós-modernos, aumentando a sensação de impaciência em relação ao outro. (CARVALHO Campos, 2010, p. 4).

Outra autora que se debruça sobre a temática é Férez-Carneiro (1998), em seu artigo, menciona os autores Berger e Kellner (1970), para discutir a relevância institucional do casamento, descreve que o casamento tem um papel importante para o indivíduo, sendo sua proteção contra a anomia, visto inclusive como um instrumento de construção nômica. Para os autores, segundo descrito por Férez-Carneiro, o casamento ocupa um lugar privilegiado,

no qual a realidade do mundo está sustentada por meio do diálogo entre pessoas significativas.

No entanto, consideram o casamento como um ato dramático, no qual dois indivíduos estranhos, de um passado individual e distinto, se encontram, redefinem e reconstróem seus mundos, sendo que a reconstrução do mundo no casamento ocorre por meio do discurso. Férez-Carneiro, descreve que os autores defendem a ideia que seria na conversação conjugal que a realidade subjetiva do mundo seria sustentada pelos parceiros, que nesse processo confirmam e reconfirmam a realidade objetiva internalizada por eles, desta maneira o casal, constrói a realidade presente e ao mesmo tempo reconstrói a realidade passada, constituindo a memória comum que integra os dois passados individuais.

Férez-Carneiro e Netto (2010) descrevem esse fenômeno.

O casal contemporâneo é confrontado, o tempo todo, por duas forças paradoxais que é o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. Se por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um, por outro, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais. (FÉREZ-CARNEIRO; NETTO, 2010, p.245)

Fuks (2008) corrobora com esses postulados, descrevendo que a vida de casal pode adotar múltiplos estilos ou até culturas, que poderão se manifestar de distintas formas, transitando na vida comum e construindo o mundo simbólico compartilhado, defende que as condições de existência, o nicho social, as condições socioeconômicas e a cultura desenham o tecido de restrições e oportunidades para a relação do casal.

Nas relações de casal o “modelado” dos pré-supostos, das concepções sobre si mesmos e os mundos que habitam, são dimensões de um processo conversacional que trama o tecido narrativo e onde são produzidos e manifestados, os desenhos densos das “identidades relacionais”. [...] as histórias através das quais descrevem/explicam e testemunham suas vidas produzem, também, um pacto construtivo-deconstrutivo-reconstrutivo sobre a experiência dos narradores. (FUKS, 2008, p. 29)

A formação da conjugalidade, na visão sistêmica, é um processo complexo, que envolve os diversos níveis do relacionamento e o contexto no qual está inserido, ou seja, considera-se que o vínculo engloba toda a existência dos cônjuges, em prol de um projeto em comum, que por sua vez, sofre influência do meio social e histórico ao qual está imerso.

Nesse sentido, os diversos estudos nos apontam que sofremos mudanças significativas em nossa sociedade, nos contextos, cultural, econômico, político, tecnológico, entre outros, os quais provocaram desdobramentos, passando a interferir das mais diversas formas, seja positivamente ou negativamente, no modo de vida das pessoas e na maneira como se relacionam. Fomos atravessados pelas exigências da vida moderna, do consumismo e das verdades efêmeras, que marcam sua presença na busca da satisfação imediata e na individualidade cada vez mais acentuada, gerando tensões entre conjugalidade e individualidade.

E as relações conjugais contemporâneas se encontram nesse cenário sociocultural, fruto de um processo histórico constituído sob as bases do sistema capitalista, portanto, acentua a noção de que tudo pode ser descartável, nada mais precisa ser feito para durar, a não ser o sucesso e a beleza. Conforme, mais uma vez, muito bem nos descreve Bauman (2004)

A súbita abundância e a evidente disponibilidade das “experiências amorosas” podem alimentar (e de fato alimentam) a convicção de que amar (apaixonar-se, instigar o amor) é uma habilidade que se pode adquirir e que o domínio dessa habilidade aumenta com a prática e a assiduidade do exercício. Pode-se até acreditar (e frequentemente se acredita) que as habilidades do fazer amor tendem a crescer com o acúmulo de experiências que o próximo amor será uma experiência ainda mais estimulante do que a que estamos vivendo atualmente, embora não tão emocionante ou excitante quanto a que virá depois. (Bauman, pag. 19. 2004)

Outra importante característica da contemporaneidade é referente às possibilidades infinitas de conexão que são oferecidas por meio da tecnologia e da internet, um tipo de conectividade que produz uma fluidificação do espaço físico, produzindo a noção de atemporalidade nas interações sociais e afetivas. Tudo cabe na palma da nossa mão, permitindo inclusive a conexão com diversas pessoas ao mesmo tempo, percebemos que as relações amorosas

são iniciadas com a mesma rapidez que são desfeitas, via internet. Em outras palavras, segundo Nicolaci-da-Costa, “de posse de nossos celulares, podemos fluir por um espaço híbrido, um espaço físico que pode a qualquer momento ser conectado ao virtual por meio de comunicações via celulares”. (NICOLACI-DA-COSTA, 2009, p. 455)

Zerbine (1014) em sua tese de doutorado acerca do tema sobre a infidelidade virtual, conclui seus estudos descrevendo que o espaço virtual facilita e amplia a possibilidade da infidelidade, diante da garantia do anonimato os riscos de interação e/ou rejeição são amenizados. Nesse sentido, podemos ampliar suas considerações para este estudo, visto que denotam a fragilidade e fluidez dos vínculos que se estabelecem via internet, como a autora nos descreve.

Nas relações virtuais os limites definidos são decorrentes do que consideramos desejado e idealizado na relação com o outro; portanto, a demora na resposta a palavra dúbia ou a não demonstração do interesse esperado podem simplesmente antecipar o desfecho de uma história. Como as possibilidades existentes são muitas, o desfecho de uma história passa a não ser significativa e amplia a sensação de poder – posso entrar e sair de relações sem envolvimento e sem sofrimento -, uma forma de apego que parece ser o retrato da “liquidez” das relações que vivemos. (ZERBINI, 2014, p.168)

Diante das complexidades inerentes à natureza humana e a adversidade da contemporaneidade, constatamos a desconstrução e transformação gradativa dos paradigmas acerca dos padrões tradicionais de como era compreendida e construída a conjugalidade, o modo como passamos a interagir uns com os outros, nossos valores e crenças desenham um novo cenário, que foi abrindo espaço para o surgimento de novas configurações de relacionamentos amorosos e novos modelos familiares.

Nesse sentido, acarretaram novos desafios, dificuldades e conflitos de relacionamento, que demandam dos terapeutas de casal novos recursos para seu enfrentamento e superação, exigindo um maior aprofundamento nas temáticas que envolvem o processo da construção da conjugalidade e a efemeridade dos relacionamentos contemporâneos.

E na atual conjuntura, se faz necessário ressaltar a realidade que vem se apresentando, mais especificamente nos últimos seis meses, que precedem ao encerramento deste estudo, um novo cenário político, econômico e social de nível mundial. Desde o início do atual surto de coronavírus (SARS-CoV-2), causador da Covid-19, uma doença pandêmica que se espalhou rapidamente em várias regiões do mundo, desencadeando os mais diferentes impactos na vida da humanidade. Segundo informações colhidas no site da Organização Pan-Americana da Saúde (2020).

- Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia.
- Foram confirmados no mundo 2.074.529 casos de COVID-19 (82.967 novos em relação ao dia anterior) e 139.378 mortes (8.493 novas em relação ao dia anterior) até 17 de abril de 2020.
- O Brasil confirmou 33.682 casos confirmados e 2.141 mortes até a tarde do dia 17 de abril de 2020. (OPAS/OMS, 2020)

Nesse novo cenário tudo é novo! A preocupação com os efeitos e desdobramentos dessa situação tem sido foco de questionamentos e posicionamento de cientistas, economistas, políticos, profissionais das mais diferentes áreas do conhecimento e diversos segmentos da sociedade, que compartilham da ideia que estamos atravessando um momento atípico sem precedentes.

A Fundação Oswaldo Cruz mais conhecida como Fiocruz, instituição de pesquisa e desenvolvimento em ciências biológicas, no intuito de oferecer respaldo à população, desenvolveu a *Cartilha Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19*, em seu site descreve que entre as estratégias de cuidado psíquico em situação de pandemia destacam-se, entre outras. “Manter ativa a rede socioafetiva, estabelecendo contato, mesmo que virtual, com familiares, amigos e colegas. Investir e estimular ações compartilhadas de cuidado, evocando a sensação de pertença social.” (FIOCRUZ, 2020).

Na homepage do Centro Universitário de Valença - UNIFAA, encontramos a descrição da reflexão das psicólogas do Centro de Apoio Pedagógico e Psicológico Andréa Di Pietro, Isabella Monteiro e Carolina França acerca da situação atual.

Situações como esta que o mundo está atravessando colocam em evidência a fragilidade humana frente às forças da natureza e afetam diretamente os corpos humanos e as relações sociais. A interrupção da rotina e a perturbação na ordem das coisas, além da restrição à liberdade de circulação e das trocas sociais que a pandemia do novo coronavírus impõe, têm produzido reflexão acerca do funcionamento do mundo contemporâneo e requerido invenções de novos modos de existência que possibilitem a adaptação do homem ao cenário que se constituiu. (UNIFAA, 2020)

Diante da situação atual, em decorrência da necessidade de distanciamento social, nos encontramos ainda mais conectados via internet, por outro lado, com aqueles que dividimos o mesmo espaço físico do lar, passamos a conviver intensamente em presença, nos desafiando a reinventar maneiras de interagir. As relações familiares e conjugais ganharam um novo cenário e os possíveis desdobramentos ainda deverão ser o foco de muitas pesquisas científicas.

4. MÉTODO

Para atingir os objetivos desejados, o presente estudo se propôs a realizar um levantamento bibliográfico, de natureza qualitativa e exploratória, considerando as publicações de artigos científicos sobre a temática de interesse, disponíveis e localizadas em determinada fonte. (LAKATOS; MARCONI, 2001).

A pesquisa bibliográfica pode ser considerada como a primeira etapa de toda pesquisa científica, que segundo Antônio Carlos Gil “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p.50).

O objetivo da análise documental refere-se à representação realizada com base em artigos científicos, utilizando como fonte de dados o sítio da Revista Científica Nova Perspectiva Sistêmica do Instituto NOOS, disponível na internet. Para a seleção do material foram utilizados os seguintes critérios:

- I. Os descritores: “Conjugalidade”, “Relação de casal”, “casamento”, “Casal na modernidade”, “Casal na Contemporaneidade”.
- II. Artigos científicos publicados na revista Nova Perspectiva Sistêmica;
- III. No período de 2011 a 2019 correspondendo a um período total de 8 anos de publicação.

Após a identificação dos artigos, os mesmos foram analisados sob a luz do referencial teórico utilizado, respeitando todos os aspectos éticos e comprometimento com a Norma Brasileira Regulamentadora, aprovada pela ABNT que definem e orientam acerca da compilação e produção de referências, garantindo a qualidade e o rigor científico deste estudo. Os dados coletados foram utilizados exclusivamente com finalidade científica.

Para a realização da análise do material foram utilizadas as ferramentas da base metodológica proposta por Laurence Bardin (1977), a autora considera a Análise de Conteúdo como um conjunto de instrumentos metodológicos que

se aperfeiçoa constantemente e permite ser aplicado a discursos diversificados, não consistindo apenas como um esquema específico, mas se trata de um esquema geral, com o qual podemos obter um conjunto de técnicas para tratar os dados e analisar o conteúdo dos mesmos.

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 1977, p. 31)

O método da Análise de Conteúdo, segundo Bardin (1977, p. 95) considera para sua organização três polos cronológicos.

- I. A pré-análise;
- II. A exploração do material;
- III. O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A pesquisa utilizou das fontes bibliográficas de artigos científicos disponíveis na base de dados online da Revista Científica Nova Perspectiva Sistêmica, publicação do Instituto NOOS, considerando os artigos existentes desde a primeira edição da revista, do volume 20 de número 39, datada do ano de 2011 ao volume 28 de número 65 de 2019, somando o total de 27 edições de revistas, distribuídas em 9 volumes do 20 ao 28, sendo que as publicações se mostram divididas em três números para cada volume, publicadas com periodicidade quadrimestral.

A escolha pela base de dados da revista científica Nova Perspectiva Sistêmica online, se deve ao fato de reunir um grande número de artigos científicos nas áreas do conhecimento da terapia de casal e família, sob a ótica do pensamento sistêmico novo paradigmático, possibilitando o acesso virtual e gratuito a todas as edições dos periódicos e produções científicas, tendo em vista que as publicações mais antigas do periódico se encontram apenas na versão impressa, decorrendo na maior dificuldade de acesso.

Com a escolha do sítio o levantamento dos artigos reuniu o total de 14 artigos publicados entre 2011 a 2019, no entanto, foram utilizados 6 deles e descartados 8 artigos, visto que tratavam-se de artigos com o enfoque sobre os

temas de violência conjugal, divórcio, doenças crônicas e a conjugalidade e luto conjugal. Temáticas que permeiam as relações conjugais, porém, exigem um estudo mais aprofundado diante da complexidade das variáveis envolvidas e fogem do foco deste estudo, que se propôs a compreender o processo de construção da conjugalidade na atualidade.

Conforme mencionado anteriormente foram selecionados os artigos científicos que abordassem as temáticas relacionadas à construção da conjugalidade na contemporaneidade, utilizando-se dos descritores “Conjugalidade”, “Relação de casal”, “casamento”, “Casal na modernidade” e “Casal na Contemporaneidade”, por meio de uma revisão sistemática dos artigos científicos existentes em cada edição da revista.

5. RESULTADOS

De modo a apresentar os resultados encontrados na pesquisa, seguem abaixo seis quadros demonstrativos de 1 a 6, organizados em ordem cronológica, sob os tópicos: ano de publicação, autor, título do trabalho, palavras chaves e resumo.

A investigação e análise do tema da pesquisa foi adotada a base teórica do pensamento sistêmico novo-paradigmático, de acordo com a descrição no referencial teórico anteriormente descrito.

ARTIGOS CIENTÍFICOS

QUADRO 1: Revista nº 39

ANO	2011
AUTOR	Jorge Moreno
TÍTULO DO TRABALHO	Amores de casal
PALAVRAS CHAVES	Amor, Circularidade, Situação Amorosa, Casal, Contextos Sociais Condicionantes.
RESUMO	O artigo retrata o amor caracterizado como “de casal” quando, numa situação de interação, a identidade e a alteridade se reconstroem constantemente entre os polos do desejo e do amor. Desejo e amor, por sua vez, podem ter diferentes significados que, no contexto das condutas relacionais de coexistência, constituem diversos duetos (casais). A questão é se o amor de casal pode ser vivido nos distintos duetos que surgem durante a vida ou mesmo de forma simultânea, e qual o tamanho do impacto que nossos condicionantes sociais causam em tais possibilidades.

Fonte: <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/191>

No quadro de número 1 encontramos termos como Casal, que pode ser incluído no descritor, Relação de Casal, sob a terminologia utilizada pelo autor de “amores de casal” e podemos fazer referência ao descritor Casal Contemporâneo, pelo fato de se encontrar subentendido no artigo, considerando a pluralidade das possibilidades de vivenciar uma relação de casal e como essas ideias ampliam as experiências e representações sociais acerca da relação de casal, até então influenciadas e limitadas pelos condicionantes sociais definidos pela monogamia e estabilidade, em sua maioria, reforçados pela parentalidade.

Desta maneira, Jorge Moreno referindo-se a formação de um casal defende que “a interação, a identidade e a alteridade se reconstroem constantemente entre os polos do desejo e do amor” (p.88-89), transformando-se em uma “situação paradoxal e ainda mais explicita na relação de casal, onde o desejo anda de mãos dadas com o amor, cuja intenção é expandir-se, ir além” (p. 89), considera que “o desejo e o amor estendem uma e outra vez a corda do casal entre melodias da paixão e da separação” (p.89), descrevendo que “o amor de casal não apenas tem algumas formas que o singularizam; o amor de casal se desenvolve num cenário definido” (p.85), propondo que “podem surgir em cenários distintos e com distintos interlocutores, abrindo espaço à existência simultânea de diversos amores de casal” (p. 85).

Sugere que “a construção de uma situação amorosa é constituída por duas pessoas, enlaçadas numa circularidade” (p.88) e destaca a “metáfora de casal como dueto” (p.88), descrevendo que “no curso da vida, podemos ter vários companheiros e viver diferentes situações amorosas com todos eles”.

O autor situa “o amor de casal num contexto atravessado por variáveis sociais” (p. 90), considerando que.

O amor de casal pode acontecer em distintos cenários e entre diferentes duetos, sempre que os participantes concordem em dançar uma música, mais ou menos complexa, onde um e outro alterem constantemente suas posições intra e extrassubjetivas, sem perder nem tampouco se confundir no aroma embriagador da intimidade (MORENO, 2011, p. 91).

Sendo assim, conclui que “o amor de casal não necessariamente se circunscreve a apenas um âmbito e a dois únicos partícipes” (p.91).

QUADRO 2: Revista nº 44

ANO	2012
AUTOR	Marianne Feijó; Rosa Maria Stefanini de Macedo
TÍTULO DO TRABALHO	Gênero, cultura e rede social: a construção social da desigualdade de gênero por meio da linguagem.
PALAVRAS CHAVES	Gênero. Cultura. Rede Social. Linguagem.
RESUMO	<p>Baseado na visão sistêmico-cibernética- -novo paradigmática e no construcionismo social, o presente artigo é um convite à reflexão sobre a importância da linguagem na manutenção e na possibilidade de mudança de padrões relacionais desiguais entre pessoas, principalmente ligados às questões de gênero. Estudos sobre a linguagem e sobre o comportamento verbal das mulheres e dos homens, além das representações destes na mídia, servem de exemplos para evidenciar a necessidade aqui defendida de mudança nos padrões de desigualdade pautados em diferenças de gênero, que influenciam e sofrem influência da cultura, transmitida em nossas redes sociais, marcando posições privilegiadas segundo a tipificação sexual na sociedade. Este artigo é uma contribuição para o trabalho clínico com famílias e casais, do ponto de vista dos comportamentos correntes baseados em bordões veiculados pela mídia que se tornam populares, uma vez que se baseia em observações de situações clínicas e não clínicas sobre relações humanas e sobre a representação destas na mídia e nas produções artísticas.</p>

Fonte: <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/249>

No quadro de número 2 encontramos termos como Casal e Relacionamento, ambos no singular e plural, sendo possível enquadrar nos descritores Relação de Casal, Casal na Modernidade e Casal Contemporâneo, considerando que as autoras descrevem uma trajetória histórica e cultural, que ao longo do tempo, vem transformando e resignificando as relações de casal, oferecendo novos modelos e arranjos, como novas maneiras de interagir e estabelecer vínculos afetivos.

Feijó e Macedo (2012) discorrem.

Todas as conquistas das mulheres nos últimos tempos, a possibilidade de saída do ambiente doméstico, a melhora na possibilidade de divisão de papéis, as mudanças tecnológicas, as exigências cada vez maiores no ambiente de trabalho, geraram uma situação complexa. Cada vez mais os casais necessitam criar um padrão de relacionamento que seja compatível com esta demanda. (FEIJÓ & MACEDO, 2012, p. 24)

Contudo, ainda “existem muitas contradições, tensões e impasses relacionais, que estão diretamente relacionados ao contexto social em que vivemos e que construímos” (p.25), sendo necessário segundo as autoras.

Criar novos modelos de relacionamento sim, porém com papéis menos desiguais onde nem o homem nem a mulher exerçam o poder sobre o outro, isto é, sem implicar submissão de uma das partes é o ideal pretendido desde o início das lutas feministas. (FEIJÓ & MACEDO, 2012, p. 29)

As autoras sugerem que devemos.

Enxergar as dinâmicas de poder, o sistema mais amplo, a cultura consumista, materialista, ávida pelo prazer imediato, amplifica o cenário e o contexto da construção desses padrões e nos ajuda a entender as atuais tentativas de alcançar relacionamentos mais equitativos. (FEIJÓ & MACEDO, 2012, p. 31)

Concluem que, “a divisão rígida de papéis de gênero não tem mais sentido na sociedade atual pelas conquistas das mulheres a novas posições e as inevitáveis mudanças na situação dos homens daí consequentes”. (p. 31)

QUADRO 3: Revista nº 47

ANO	2013
AUTOR	Maria Elena Rise de Camargo Vianna
TÍTULO DO TRABALHO	A construção de uma relação de casal - uma relação de casal em construção
PALAVRAS CHAVES	Relação de casal. Conceituação histórico-cultural. Postura reflexiva. Flexibilidade.
RESUMO	Este artigo originou-se do trabalho de conclusão do curso em Terapia de Família e Casal do Instituto Familiae, em que a autora a partir da pergunta: <i>É possível uma relação de casal estável em um mundo em mudança?</i> Foram entrevistados casais que mantêm relações longevas. As reflexões sobre os relatos dos entrevistados motivaram a busca na História sobre a compreensão de como a sociedade foi se organizando em relação ao casamento. As entrevistas e o estudo sobre o percurso histórico das relações de casal indicam as relações de casal como constituídas culturalmente e em transformação ao longo do tempo, originando o título: "A construção de uma relação de casal - uma relação de casal em construção". A autora convida a uma reflexão sobre a importância de que o terapeuta de casal cuide para que suas crenças e certezas não se sobreponham às narrativas dos membros do casal.

Fonte: <https://www.revistanps.com.br/nps/issue/view/5>

No quadro de número 3 encontramos os descritores Relação de Casal e Casamento, Casal na Modernidade e Casal Contemporâneo, sendo os dois últimos subentendidos nas colocações da autora e incluindo que a mesma utiliza do termo "Casamento Contemporâneo" para descrever os relacionamentos atuais.

Vianna descreve em seu artigo.

A relação de casal está sempre em construção. Não existe uma planta de um projeto predeterminado para se construir. Existem relações entre duas pessoas que fazem parte de uma rede de inter-relações que está em constante mudança. (VIANNA, 2013, p. 27)

Na busca em compreender as relações duradouras, a autora considera que “as relações estáveis são as que apresentam mais mobilidade. Elas são construídas e se transformam ao longo do tempo e o que consideramos estável é a possibilidade de mudança que elas entranham”. (p. 28)

Descreve que antigamente o casamento apresentava uma “concepção da união entre homens e mulheres como sendo um resultado de interesses políticos e sociais” (p. 29), contudo situa que.

As mudanças significativas, no pós-guerra, das crenças sociais e das transformações sociais, culturais e religiosas, o homem e a mulher foram ocupando outros lugares na relação de casal em que necessidades e desejos são negociados e os tradicionais papéis masculinos e femininos são flexibilizados. (VIANNA, 2013, p. 30)

E que diante do novo cenário sociocultural que emergiu os jovens puderam se libertar das normas e regras impostas pelos pais, assim o “casamento romântico foi se tornando mais comum, mas deviam seguir ainda alguns padrões culturais, tais como manter a virgindade até o casamento, celebrar o compromisso de noivado, entre outros”. (p.31)

Para Vianna “o casamento contemporâneo supostamente é baseado no amor e o amor não é um objeto que se possa escolher e comprar” (p.32), portanto, “o casamento hoje é uma soma de escolhas: amorosa, erótica, projetos de vida, entre outras, mas continua sendo valorizado porque ampara psicologicamente e oferece proteção” (p.33). No entanto, considera essa questão como um ideal e compreende que “o ideal presente nas relações de casal faz com que cada um fique focado na qualidade dessa relação, qualidade de amor. Vive-se mais, favorecendo o individual em relação ao coletivo” (p.33).

De acordo com a autora antigamente “o casal buscava sua complementaridade absoluta nessa relação, sentimento unificador de duas individualidades, hoje a individualidade aflora as diferenças, gerando conflitos”

(p.33). Logo sugere que “os discursos e crenças universais sobre uma relação não explicam mais essa diversidade tão presente” (p.33).

De acordo com a autora “o casamento vai se resignificando e o que se acreditava como importante para se ter uma relação duradoura não cabe mais hoje e não sabemos como essas relações serão no futuro” (p.33), descreve que “as relações no mundo atual são com frequência, passageiras” (p.33) e conclui que possivelmente “estamos em uma época de transição, as relações de casais atuais não querem repetir o modelo passado e há experiências diversas para esta relação” (p.34).

QUADRO 4: Revista nº 55

ANO	2016
AUTOR	Vicente Rodrigues; Mariana Boeckel
TÍTULO DO TRABALHO	Conjugalidade e homossexualidade: uma revisão sistemática de literatura
PALAVRAS CHAVES	Conjugalidade. Homossexualidade. Homoconjugalidade.
RESUMO	Tradicionalmente a Psicologia e a Terapia Familiar centraram-se na compreensão de famílias geradas a partir da união heterossexual. Contudo, tendo em vista a diversidade das configurações familiares atuais, faz-se necessário compreender conjugalidades que fogem à norma. A partir de uma breve contextualização histórica, o presente artigo objetiva revisar sistematicamente estudos que investigaram relações conjugais entre casais homossexuais na realidade brasileira. Para tanto, as bases de dados Lilacs, PePSIC e SciELO foram consultadas, resultando em sete artigos. Mediante discussão dos achados, observou-se que as pesquisas feitas no Brasil ainda visam caracterizar esse fenômeno, articulando a seus resultados a temáticas como a homofobia, flexibilidade nas atribuições de gênero, apoio social, questões inerentes aos relacionamentos e a efemeridade dos relacionamentos contemporâneos.

Fonte: <https://www.revistanps.com.br/nps/issue/view/15>

No quadro de número 4 encontramos os descritores Conjugalidade, Relação de Casal e Casamento, os descritores Casal na Modernidade Casal e na Contemporaneidade se encontram subentendidos.

Os autores Rodrigues e Boeckel, mencionam Férrez-Carneiro (1998) e Oliveira (2010) para descrever acerca da conjugalidade.

Dentre as inúmeras formas de relações que podem ser estabelecidas entre os sujeitos, há aquela na qual duas pessoas, advindas de famílias distintas, com suas características e histórias de vida únicas, compartilham experiências e convivem com um desejo conjunto, um projeto de vida de casal. (FÉREZ-CARNEIRO, 1998; OLIVEIRA, 2012 apud RODRIGUES & BOECKEL, 2016, p. 98)

Defendem que discorrer “acerca das relações conjugais implica na análise de uma perspectiva histórica de como os relacionamentos tem sido edificados ao longo do tempo” (p.98). Desta forma, consideram que antigamente “os casamentos eram arranjados segundo interesses políticos, econômicos e sociais, independentemente, da vontade dos cônjuges” (p.98), e com as transformações culturais e mudanças de valores e ideais no final do século XVIII, os “aspectos como a privacidade, a intimidade e a concessão de certa margem de escolha pessoal passaram a interferir diretamente na formação de casais, abrindo espaço para um conceito de amor idealizado” (p.98)

Os autores mencionam que mais adiante na década de 60 a mudança de paradigma “proporcionou um ganho de visibilidade a configurações familiares como casais homossexuais” (p.98), aludem que no novo cenário sociocultural, “dois ideais amorosos díspares se sobressaem: o amor romântico e o amor líquido” (p.98).

Consideram que em decorrência dessa situação.

Os indivíduos independente de suas orientações sexuais, veem-se em um complexo conflito no qual o idealismo e individualismo se chocam, se por um lado há o desejo de ter segurança e estabilidade, no outro existe ânsia por liberdade. (RODRIGUES & BOECKEL, 2016, p. 98)

Os autores defendem que “torna-se de grande relevância estudar conjugalidades que fogem à heteronorma, principalmente por refletirem a diversidade dos modos de conjugação entre seres humanos” (p.99), e consideram “o conceito de conjugalidade como uma relação afetiva construída através do tempo” (p.103)

Descrevem que a partir dos resultados encontrados em sua pesquisa.

Os ideais de casal dos homossexuais são semelhantes a ideais tradicionais associados à conjugalidade heterossexual, como, por exemplo, o embasamento das relações em construtos como fidelidade, companheirismo, parceria, segurança e lealdade (RODRIGUES & BOECKEL, 2016, p. 105-106)

Ponderam que outro aspecto observado em relação às emoções humanas, independente da orientação sexual dos envolvidos é que existe a presença concomitante da “efemeridade e da perenidade do afeto, vinculada ao modelo tradicional de relação, entrelaçamento esse que caracteriza a pós-modernidade” (p. 107), período no qual se faz necessário “reconhecer a diversidade como qualidade elementar da expressão de vida humana, outras sexualidades e múltiplas possibilidades de vinculação entre indivíduos”. (p.107)

QUADRO 5: Revista nº 60

ANO	2018
AUTOR	Mariana Grasel de Figueiredo e Gláucia Ribeiro Starling Diniz
TÍTULO DO TRABALHO	Mulheres, casamento e carreira: um olhar sob a perspectiva sistêmica feminista.
PALAVRAS CHAVES	Terapia Sistêmica Feminista. Gênero. Casamento. Carreira.
RESUMO	<p>O artigo apresenta uma discussão teórica sobre a vivência de mulheres no casamento e na carreira a partir da perspectiva de gênero e sistêmica feminista. Apresentamos inicialmente uma discussão sobre o feminismo, o trabalho das mulheres e a possibilidade de investir na carreira profissional. Perpassamos aspectos históricos e conceituais que visam à contribuição para a compreensão da experiência das mulheres com a carreira na sociedade contemporânea. Articulamos, em seguida, questões de gênero com reflexões acerca das mulheres no casamento. Por fim, discorremos a respeito da terapia com base na perspectiva sistêmica feminista na interação casamento, carreira e gênero. A discussão ressalta o quanto a perspectiva sistêmica feminista é importante e útil para dar visibilidade às questões de gênero enfrentadas pelas mulheres no contexto do casamento e da carreira.</p>

Fonte: <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/393>

No quadro de número 5 encontramos os descritores Conjugalidade, Relação de Casal, Casamento, Casal na Modernidade, Casal na Contemporaneidade.

As autoras Figueiredo e Diniz discorrem acerca da temática por meio da perspectiva de gênero para contextualizar as relações afetivas, nesse sentido descrevem que “as mulheres casadas que desenvolvem uma carreira podem enfrentar desafios significativos no que diz respeito à vivência e à condição dessas diferentes dimensões da vida” (p. 1), dando ênfase às construções sociais acerca das atividades destinadas a ambos os sexos, descrevem que as “atividades que cabem a um e outro sexo foram produzidas socialmente e demarcam lugares de experiências distintos para homens e mulheres, tanto da esfera pública quanto na vida privada, ou seja, no casamento, na família...” (p.2). Consideram que “nas últimas décadas, os papéis das mulheres no casamento e no trabalho sofreram profundas modificações” (p. 4).

Aludem que “o casamento passou por diversas transformações. O fato é que, durante muito tempo a vida conjugal e familiar era construída em torno de uma divisão clara de papéis pautada na diferença de poder entre os sexos”. (p.4)

As autoras discorrem que “as relações conjugais passaram por transformações significativas nos últimos séculos. No início das civilizações humanas as pessoas viviam de acordo com uma rígida divisão sexual dos papéis” (p. 9), tendo em vista que antigamente.

A família e o casamento possuíam a função de dividir a sociedade, que era organizada pelo Estado, em classes. Nesse percurso a importância atribuída ao casamento está relacionada com a procriação e a geração de descendentes, reforçada pela lógica religiosa. (FIGUEIREDO & DINIZ, 2018, p. 9)

Contudo, de acordo com as autoras o conceito hegemônico de família, aquele “do pai provedor e da mãe restrita ao doméstico ampliou-se para acolher novas configurações como, por exemplo, famílias em que ambos os cônjuges trabalham fora em tempo integral”. (p.10)

Historicamente diversas transformações afetaram a vida conjugal das pessoas, as autoras colocam que “outra mudança significativa ocorrida no casamento entra em cena com a escolha do cônjuge” (p.10), pois anteriormente “o casamento não era uma escolha a ser feita pelos cônjuges, uma vez que ela já estava predestinada desde o dia do seu nascimento” (p.

10), contrapondo-se a esse contexto surgiu “a reivindicação por um casamento pautado exclusivamente pela liberdade de escolha amorosa e não mais arranjado pelos interesses familiares, que ganhou força na década de 60” (p. 10). Diante desse novo cenário as autoras discorrem que.

O casamento no século XX é influenciado pelos valores emergentes. O surgimento e a conseqüente valorização das ideologias individualistas em detrimento das ideologias do patriarcado representam uma mudança bastante significativa nesse novo contexto. (FIGUEIREDO & DINIZ, 2018, p. 10)

Defendem, “no casamento o gênero é o princípio organizador mais importante” (p.11), de acordo com as autoras, exige de homens e mulheres “o cumprimento de atribuições de gênero, definidas previamente pela sociedade e gera expectativas que recaem sob a forma como os cônjuges estabelecem sua dinâmica relacional”. (p.11)

Aludem que diante de um novo cenário sociocultural “surge assim o casamento de dupla-carreira” (p.11), fator que transforma as relações, pois uma vez que ambos os parceiros se encontram envolvidos com suas carreiras, “as atribuições sociais tradicionais de gênero necessitam de revisão e reorganização de modo a permitir o funcionamento da vida conjugal e doméstica” (p.11), conseqüentemente, “a forma de gestão das tarefas domésticas torna-se uma questão central na pauta do casal” (p.11).

Contudo, as autoras descrevem “se observa que o casamento contemporâneo ainda se encontra sob forte influência de papéis sexuais socialmente predeterminados” (p.12), sendo que “as demandas decorrentes da vida doméstica e profissional limitam o tempo do casal em investir na própria conjugalidade” (p.12) e que outro fator mencionado é “o cansaço decorrente das vivências de múltiplas demandas do mundo do trabalho, da conjugalidade e da família interfere na disponibilidade dos cônjuges para a relação” (p.12), nesse sentido “a quantidade de tempo que o casal disponibiliza para si transforma-se em um outro desafio dos casamentos contemporâneos”. (p.12)

Figueiredo e Diniz definem que “o vínculo conjugal é constituído por duas individualidades e uma conjugalidade” (p.13), e compartilham a ideia de que “a interação trabalho/carreira com casamento/família é um desafio de

gênero e diz respeito às múltiplas funções exercidas pelas mulheres nas relações conjugais, familiares, profissionais e sociais” (p.15), sendo que “esse quadro é ainda potencializado pelo uso das tecnologias” (p.15).

Defendem acerca da relevância em “dar visibilidade às questões de gênero presentes nessa interação, a fim de que homens e mulheres construam relações mais justas e igualitárias no âmbito do casamento e da carreira” (p. 16-17)

QUADRO 6: Revista nº 61

ANO	2018
AUTOR	Marcelo Richar Arua Piovanotti e Denise Duque
TÍTULO DO TRABALHO	Divórcio, recasamento e a relação entre padrastos e enteados: reflexões endereçadas aos terapeutas de família
PALAVRAS CHAVES	Divórcio. Recasamento. Padrasto. Enteado. Epistemologia Sistêmica
RESUMO	<p>Com o advento do divórcio, o número de famílias constituídas a partir do recasamento tem crescido significativamente. Padrastos, madrastas e enteados estão cada vez mais presentes no cotidiano familiar. O padrasto ainda é visto com ressalvas no meio social, tanto pelos preconceitos existentes, quanto pelas incertezas sobre sua função na dinâmica familiar, especialmente nas situações em que o pai ainda participa ativamente do cotidiano dos filhos. Neste cenário, o que despertou o interesse para a reflexão descrita neste artigo é a dinâmica familiar configurada a partir da inserção do padrasto. A ideia defendida é que a função paterna e a função de padrasto não precisam entrar em conflito, uma vez que podem conviver dialogicamente, sem se sobrepor, cada uma com suas especificidades e em consonância com as características de cada família. O presente texto busca problematizar os desafios que o terapeuta de família poderá enfrentar no trabalho com famílias recasadas, com ênfase nas particularidades da função do padrasto nesta dinâmica e buscando refletir de que forma o pensamento sistêmico pode colaborar para esse entendimento. Estudos sobre os novos arranjos familiares mostram-se pertinentes, uma vez que o casamento tradicional já deixou de ser a única forma de constituição familiar aceita socialmente.</p>

Fonte: <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/415>

No quadro de número 6 encontramos os descritores Casamento, e o descritor Casal na Contemporaneidade de modo subentendido, visto que o artigo revela uma realidade de novos arranjos e configurações cada vez mais comuns nas relações de casais na atualidade, quando traz à tona a questão do “Recasamento”.

Os autores Piovanotti e Duque revelam acerca do “recasamento” como “um fenômeno que se tornou cada vez mais frequente é a formação de núcleos familiares a partir de um novo casamento” (p. 1-2), descreve que o número de “recasamentos já alcança uma proporção significativa no contexto social em diferentes países do mundo” (p. 2), incluindo o Brasil e destacam a importância de “estudos sobre os novos arranjos familiares mostram-se pertinentes, pois o casamento tradicional deixou de ser a única forma socialmente aceita de constituição de uma família” (p. 3). Consideram que temas “como o divórcio e o recasamento, ainda são temas que demandam adaptação cultural, trazem consigo uma carga de preconceitos e desconhecimentos, e ainda geram muitas dúvidas”. (p. 4)

Acerca do casamento, os autores discorrem.

O casamento ainda se apresenta como uma instituição valorizada no contexto social, ao ponto de muitos casais optarem pelo divórcio justamente por acreditarem que o casamento possa ser mais do que os seus relacionamentos atuais. (PIOVANOTTI & DUQUE, 2018, p. 5)

Contudo, consideram que “para um casal que se divorcia, a formação de um novo relacionamento apresenta importantes desafios” (p.7) e diante das peculiaridades dessa nova configuração de relacionamento, compreendem que “de alguma forma, a multiplicidade de arranjos familiares e as diferentes formas de interação dentro desses sistemas a partir do recasamento geraram uma crise conceitual em torno desse fenômeno”. (p.7)

6. ANÁLISE DE DADOS

Observamos nos dados colhidos que o aspecto histórico foi considerado por todos os autores em seus artigos, denotando a importância da contextualização e resgate dos processos socioculturais para compreender a complexidade dos fenômenos humanos, corroborando com o postulado Hewison (1987), de que “o impulso de preservar o passado é parte do impulso de preservar o eu. Sem saber onde estivemos, é difícil saber para onde estamos indo” (HEWISON, 1987 apud HARVEY, 1992 p.85).

Os quadros 2, 3, 4, 5 e 6 apontaram para fatores como as mudanças e rupturas de paradigma, transformações dos padrões e modelos tradicionais de relacionamentos amorosos, casamento e família, conforme apontado por Ianni (2001), “tudo o que parecia estável, transforma-se, recria-se ou dissolve-se”. (IANNI, 2001, p.29).

Outros aspectos em comum nas pesquisas foi o fato das transformações serem assinaladas com a chegada da modernidade, advento de novas tecnologias, revoluções e/ou movimentos políticos, sociais e econômicos, os quais se mostraram fatores determinantes para contribuir e abrir espaço para novas configurações e arranjos de casal e família ao longo do tempo.

Como apontado por Giddens (1991), a modernidade nos afeta de uma maneira sem precedentes, sendo que os modos de vida produzidos nos desprendem dos tipos tradicionais de ordem social.

Outras características relacionadas à modernidade e pós-modernidade apontadas nos artigos nos remetem aos postulados de Bauman (2001, 2004, 2007, 2011), referindo-se ao fato de ser uma época em que a vida social passou a ter como centro a existência e apologia ao individualismo, consumismo e imediatismo, peculiaridades que sustentam e transformam as relações humanas em vínculos por vezes perenes e efêmeros, propriedades intrincadas nos conceitos que defende de “amor líquido”, “sociedade líquida” e “tempos líquidos”.

E apesar de haver sido mencionado em apenas um artigo de forma muito sucinta na pesquisa de Figueiredo e Diniz (2018), se mostra significativo mencionar outro aspecto da contemporaneidade, referente às tecnologias, visto que somos atravessados pelo avanço e impactos das mesmas, e seu uso indiscriminado, como apontado por Nicolaci-da-Costa (2002, 2009), desencadeia uma nova organização subjetiva dos indivíduos, pois se transforma em um recurso que nos possibilita novos rearranjos do tempo e espaço, no qual nos conectamos virtualmente, produzindo uma experiência em relação ao espaço e tempo, sob as condições de características híbridas e fluídas, sendo outra peculiaridade do nosso tempo.

Observou-se que embora os autores compartilhem e defendam a ideia de que vivemos a instabilidade dos vínculos afetivos na contemporaneidade, corroborando com os conceitos utilizados por Bauman, as pesquisas também nos revelam que os vínculos amorosos e sexuais representam grande importância na vida das pessoas, apesar da complexidade e peculiaridades inerentes. Nesse sentido, demonstram um esforço para compreender sua dinâmica desde tempos longínquos até a atualidade, evidenciando que o cenário contemporâneo oferece um novo requinte de complexidade nas relações amorosas, como mencionado na pesquisa de Vianna (2013) “o casamento hoje é uma soma de escolhas: amorosa, erótica, projetos de vida, entre outras, mas continua sendo valorizado porque ampara psicologicamente e oferece proteção”. (VIANNA, 2013, p.33).

Essa questão corrobora com os postulados de Azevedo (2013) referente a Teoria do Apego de Bowlby, na qual, se defende ser inerente a natureza humana a necessidade de estabelecer vínculos afetivos, portanto, se os seres humanos podem ser considerados seres em relação, sua constituição e desenvolvimento se darão na relação que este estabelece com o outro, conforme, também defende a Teoria Sistêmica Novo-Paradigmática, que segundo Vasconcellos (2013) pensar sistemicamente significa pensar a partir dos pressupostos da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade, como uma nova possibilidade de visão de homem e de mundo, que consiste na

capacidade de compreender os fenômenos da vida como um sistema ou vários sistemas em interação.

As pesquisas revelam as peculiaridades intrínsecas nos novos arranjos e configurações da conjugalidade na contemporaneidade, pois denotam novos modos de existência, de contradições e complexidades nas noções de tempo e espaço, de individualidade e coletividade, de liberdade, privacidade e intimidade, aspectos da sociedade moderna que produzem novas subjetividades, que, no entanto, se revelam arraigadas sob o princípio dialético entre o velho e o novo. Vianna (2013) descreve acerca das significativas mudanças sociais, culturais e religiosas no pós-guerra, que desencadearam transformações nas crenças sociais, favorecendo um cenário no qual “o homem e a mulher foram ocupando outros lugares na relação de casal em que necessidades e desejos são negociados e os tradicionais papéis masculinos e femininos são flexibilizados”. (VIANNA, 2013, p 30)

Para os autores Rodrigues e Boeckel, independente das orientações sexuais, os indivíduos na relação de casal “veem-se em um complexo conflito no qual o idealismo e individualismo se chocam, se por um lado há o desejo de ter segurança e estabilidade, no outro existe ânsia por liberdade”. (RODRIGUES & BOECKEL, 2016, p. 98). Dilema considerado por Fuks (2008), e descreve que como consequência, “a pressão de ter que escolher entre uma e outra começou a definir o destino das pessoas”. (FUKS, 2008, p.26)

Observamos, nesse sentido que desponta um cenário de aspectos ainda obscuros, no que concerne à forma, ao ritmo e à velocidade das transformações vividas pelos sujeitos individualmente e em grupo, fato este, que também se mostra um consenso entre os estudiosos. Conforme um dos postulados de Harvey (1992), ilustrado com a descrição de Berman (1982), o qual infere que ser moderno seria se encontrar em um ambiente que lhe conferem a possibilidade de “aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo - e, ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”. (BERMAN 1982, apud, HARVEY, 1992, p. 21).

Corroborando novamente com Bauman (2001, 2004, 2007, 2011), e demais teóricos como Fuks (2008), Jablonski (2001), Férrez-Carneiro e Netto (2010) e Carvalho Campos (2010) no que tange ao difícil convívio da individualidade com a conjugalidade, na fluidez, perenidade e efemeridade dos vínculos afetivos no casamento contemporâneo.

Desta maneira, compreendemos que há tempos estamos vivendo um atravessamento de novas perspectivas, que nos desafiam a buscar novas teorias e definições, que contemplem e abarquem esses novos modelos de interação, visto que ainda carecem de conceituação, como demonstrado na pesquisa acerca do recasamento por Piovanotti e Duque (2018) “de alguma forma, a multiplicidade de arranjos familiares e as diferentes formas de interação dentro desses sistemas a partir do recasamento geraram uma crise conceitual em torno desse fenômeno”. (PIOVANOTTI & DUQUE, 2018, p.7)

Aspecto também apontado por Cervený (2011), que em relação aos estudos sobre famílias, de modo geral, mesmo os mais recentes, ainda demonstram dificuldade para a utilização consensual do termo família e que possivelmente nenhum deles poderá esgotar o assunto e fornecer respostas a todos os questionamentos, reflexão que se aplica ao tema conjugalidade, especialmente quando situada na contemporaneidade.

Nesse sentido, se faz necessário destacar dois pontos relevantes, o primeiro deles é referente ao fato da escolha pela base de dados selecionada para este estudo, por concentrar seus esforços na publicação de artigos e práticas profissionais de perspectiva sistêmica novo-paradigmática, demonstrando que a produção científica difundida envolvendo o tema conjugalidade ainda carece de maiores investimentos, pois considerando que a pesquisa desenvolvida neste estudo corresponde há 8 anos de levantamento, encontramos um acúmulo de 27 periódicos publicados, sendo que apenas 6 artigos envolvem a temática da dinâmica conjugal. O segundo ponto se refere ao fato dos estudos acerca da conjugalidade estarem vinculados de modo geral

nas temáticas que envolvem a dinâmica da família e do casamento, conceitos estes que parecem estar imbuídos ou serem adjacentes para se adentrar nas temáticas envolvidas na dinâmica relacional do casal.

Nesse sentido, o segundo ponto nos remete a refletir e considerar a importância de se investigar a conjugalidade de maneira mais específica e única, na tentativa de desvincular a temática desses conceitos, visto que ainda encontramos em seu cerne os modelos tradicionais de formação da conjugalidade, o que diante do já anteriormente exposto não representa mais a multiplicidades de possibilidades existentes de relações conjugais. Devendo-nos concentrar e nos aprofundar na complexidade da dinâmica relacional do casal, conforme nos descreve Feréz-Carneiro e Neto (2010).

A relação é construída a partir de trocas verbais e não verbais entre os parceiros que coordenam suas ações recíprocas no universo social de significado, comprometendo-se com a construção de uma história comum, na qual as mudanças na pauta de ação de um dos cônjuges afeta o outro. (FEREZ-CARNEIRO; NETO, 2010, pg. 270).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar a pesquisa havia um inocente desejo de encontrar respostas e definições que pudessem contemplar os diversos arranjos e configurações possíveis de conjugalidade na contemporaneidade. De fato inocente, por me deparar no trajeto deste estudo com tantas informações, o acúmulo de diversos teóricos acerca do tema abriram novos caminhos, bem como instigavam minha curiosidade acerca da temática.

Diante dos dados apresentados, se mostrou evidente a importância em compreender e delinear a conjugalidade a partir da contextualização histórica, pois ao considerar o trajeto das transformações socioculturais, nos deparamos com o cenário de base para as transformações e mudanças nas mais diversas áreas da vida humana, não sendo diferente no campo das relações conjugais.

A percepção de homem, de mundo, da vida e do tempo-espaço vivenciada e alimentada na modernidade, está composta de elementos congruentes e incongruentes de efemeridade e fragmentação excessivas. Portanto, podemos constatar que no campo existencial, a experiência e modo de interagir e se conectar com o outro, conferem à condição da pós-modernidade as características da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade, revelando-se um território ainda pouco conhecido, aberto à novos conhecimentos e investigações, que devem fomentar o investimento em estudos e pesquisas acerca da temática da conjugalidade.

E apesar dos avanços socioculturais em relação às questões de gênero, percebemos que prevalecem estereótipos acerca dos papéis da mulher e da naturalização do machismo, por vezes quase que invisibilizados nas estruturas sociais, mantendo desta forma, as desigualdades de gênero e impactando as relações conjugais.

Portanto, há de se considerar que existe um custo psicológico, que demanda dos indivíduos o desafio relativo a insistir nas soluções tradicionais de enfrentamento e superação da complexidade e peculiaridade na maneira de

estabelecer os vínculos afetivos na atualidade. A fragilidade, a instabilidade e os excessos, de uma sociedade que cultua o individualismo e consumismo, em detrimento ao coletivo.

As relações de casal se encontram engendradas no difícil convívio da individualidade com a conjugalidade e nesse sentido, não é possível desconsiderar a influência do meio social e cultural no processo de construção da conjugalidade, conforme observado na prática clínica com casais, e confirmado nos resultados da pesquisa.

As questões relacionadas aos avanços da tecnologia e seu uso cada vez mais intenso na contemporaneidade, apesar de terem sido pouco mencionadas nos artigos, merecem destaque, tendo em vista que permeiam as relações humanas, e considerando se tratar de um modo de existência, presente, enraizado e legitimado socialmente, como um recurso de conexão e um meio de interação humana, se traduz como o produtor de diversas maneiras de estabelecer e manter relacionamentos afetivos na atualidade.

E perante o acúmulo de conhecimento adquirido neste estudo, acreditamos que outros aspectos merecem ênfase na construção da conjugalidade, aspectos como a flexibilidade, a comunicação/dialogo e a noção da conjugalidade/individualidade por parte dos membros do casal, para que possibilite existir uma dinâmica de casal que permita criar espaço para uma relação mais igualitária e saudável para ambos os parceiros, e por sua vez ofereça condições aos mesmos de superar e enfrentar o desafio em conciliar o projeto individual ao projeto comum de casal.

Não encontramos definições para a conjugalidade na contemporaneidade, os estudos e pesquisas, se referem em sua maioria como duas individualidades e uma conjugalidade, uma relação que envolve duas pessoas, porém nos pareceu insuficiente para contemplar a diversidade de arranjos e configurações de interação entre duas pessoas nas condições da pós-modernidade. Encontramos, termos como Casamento Contemporâneo, porém, reconhecemos que o conceito de casamento, ainda se encontra atrelado a uma perspectiva de união, seja religiosa ou legalizada, e se mostra

carregada de ideais tradicionais de relacionamento, me atrevendo a utilizar do termo “*Parcerias Conjugais*”, por acreditar que desta forma poderá contemplar esses novos e diversos arranjos e configurações de relacionamentos afetivos.

Assim como Bauman, que nos convoca a questionar os impactos de “tempos líquidos”, “sociedade líquida” e “amor líquido” sobre nós mesmos e a sociedade como um todo, espero ter contribuído com o debate que privilegie uma análise, à luz desse autor e de todos os outros mencionados neste estudo sobre a construção da Conjugalidade na Contemporaneidade, que envolve sujeitos num tempo próprio e peculiar, de um território de existência, no qual os parceiros são ao mesmo tempo construtores e construídos, um sistema interligado a outros sistemas que compõem uma relação de interação complexa.

Nesse sentido, enquanto terapeutas de casal o contexto nos promove novos desafios, que exigem por sua vez, novos recursos, técnicas e teorias, nos convocando a constante reflexão e ao aprofundamento nas temáticas que envolvem o processo da construção da conjugalidade e a efemeridade dos relacionamentos contemporâneos e à medida que a realidade se torna mais imprevisível, faz-se necessária a reinvenção e revisão constante de nossa visão de homem e de mundo, como nossos clientes se sentem e como constroem suas estruturas internas de sentimentos, em tempos tão frágeis de sensibilidades e afetividades.

Assim que possamos manter uma curiosidade genuína para alcançar a diversidade de *Parcerias Conjugais na contemporaneidade...*

BIBLIOGRAFIA

ANTON, I. L. C. **A escolha do cônjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico**. 2ª edição. Porto Alegre : Artmed, 2012.

AZEVEDO, M. I. G. B. S. **Vinculação em casais adultos e sua relação com os respectivos estilos de vinculação parental**. 2013. 176 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Psicologia, Aconselhamento e psicoterapias) - Faculdade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BAUMAN, Z. O que é pós-modernidade? Entrevistadores: Fernando Schüller e Mário Mazzilli. **Fronteiras do Pensamento**, São Paulo, 2011. Entrevista concedida para Fronteiras do Pensamento. Disponível em: <<http://www.fronteiras.com/en/videos/o-que-e-pos-modernidade>>. Acesso em 18 de março 2020.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

CARVALHO CAMPOS, M. G. **Axiograma 654 - uma possibilidade de ressignificar o tempo e a impaciência na pós-modernidade**. Tranças de Abordagem, em 30 novembro 2010, Produções Seleccionadas: Ciclo Publicações.

COSTA, A. M. N. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. **Psic. : Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 193-202, agosto de 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722002000200009&lng=en&nrm=iso>. acesso em 15 de abril de 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000200009>.

CERVENY, C. M. O. **A família como modelo: desconstruindo a patologia**. 2ª ed. São Paulo. Livro Pleno, 2011.

FEIJÓ, M.; DE MACEDO, R. M. S. Gênero, cultura e rede social: a construção social da desigualdade de gênero por meio da linguagem. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 21, n. 44, p. 21-34, 11.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 fev. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>.

FÉRES-CARNEIRO, T.; NETO, O. D. **Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais**. Volume 20, nº46. Rio de Janeiro: Paidéia, Maio-Agosto, 2010.

FÉRES-CARNEIRO, T. MAGALHÃES, A. S. (2005). Conjugalidade dos pais e projeto dos filhos frente ao laço conjugal. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro. Editora PUC-Rio.

FIGUEIRA, S. A. **Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

FIGUEIREDO, M. G. DE; DINIZ, G. R. S. Mulheres, casamento e carreira: um olhar sob a perspectiva sistêmica feminista. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 27, n. 60, p. 100-119, 28 dez. 2018.

FIOCRUZ. **Coronavírus e saúde mental. Tire suas dúvidas aqui!** Disponível <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/coronavirus-e-saude-mental-tire-suas-duvidas-aqui/> Acesso em: 18 de Abril. 2020

FIOCRUZ. **Cartilha Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19**. Disponível em: https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/05/cartilha_prevencaosuicidio.pdf Acesso em: 18 de Abril. 2020

FREITAS, A. R. R.; NAPIMOGA, M.; DONALISIO, M. R. Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 29, n. 2, e2020119, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222020000200900&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 de Abril de 2020. <https://doi.org/10.5123/s1679-49742020000200008>.

FUKS, S. A relação de casal como organização social: desafios e oportunidades. **Nova Perspectiva Sistêmica**, n. 30, p. 21-43, abr. 2008

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

GOMES, Lauren Beltrão et al. As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 3-16, dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 31 mar. 2020.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 17ª ed. São Paulo: Loyola, 2000.

HEIDEGGER, M (1927). **Ser e tempo**. Tradução Márcia Sá Cavalcante. 10ª ed. Petrópolis-RJ, Editora Vozes. 2015.

IANNI, O. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2001.

INSTITUTO NOOS. **Revista Nova Perspectiva Sistêmica**, Conteúdos para profissionais da área de Terapia Familiar e de Casal. 2019. Disponível em: <https://www.revistanps.com.br/nps>

IPEA - Centro de Pesquisa de Pesquisa em Ciência, Tecnologia e Sociedade. **Artigo: Ciência e Tecnologia Frente à Pandemia** - Como a pesquisa científica e a inovação estão ajudando a combater o novo coronavírus no Brasil e no mundo. Publicação em 27/03/2020, última modificação em 03/04/2020 às 15h47. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/cts/pt/central-de-conteudo/artigos/artigos/182-corona>. Acesso em: 19 de Abril. 2020.

JABLONSKI, B. **Atitudes frente à crise do casamento**. In: FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento e família: do social à clínica. Rio de Janeiro: Nau, 2001.

LÓPEZ, V. F. **Vínculo conjugal: entre o individualismo e a busca pelo outro**. Salvador: PUC-BA - 2008.

MORENO, J. Amores de casal. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 20, n. 39, 11.

MUNHOZ, M. L. P. **CASAMENTO: Ruptura ou continuidade dos modelos familiares?**. Taubaté- SP: Cabral Editora Universitária, 2000.

OPAS/OMS Brasil. **Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)**. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 17 de Abril. 2020

OPAS/OMS Brasil. **Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)**. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 17 de Abril. 2020

PIETRO, A. **Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade?** Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, 17 (2), 15-29, 2005.

PIETRO, A.; MONTEIRO, I. ; FRANÇA, C. UNIFAA. Centro Universitário de Valença. **Saúde Mental em tempos de Coronavírus (COVID-19)**. Efeitos Psicológicos do Isolamento e Sugestões de Cuidado. Rio de Janeiro, mar.

2020. Disponível em: <https://www.unifaa.edu.br/blog/saude-mental-em-tempos-de-coronavirus-covid-19>

PIOVANOTTI, M. R. A.; DUQUE, D. Divórcio, recasamento e a relação entre padrastos e enteados: reflexões endereçadas aos terapeutas de família. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 27, n. 61, p. 49-65, 8 jan. 2019.

PONTES, F. A. R. et al . Teoria do apego: elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana. **Aletheia**, Canoas , n. 26, p. 67-79, dez. 2007 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942007000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 mar. 2020.

RODRIGUES, V.; BOECKEL, M. Conjugalidade e homossexualidade: uma revisão sistemática de literatura. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 25, n. 55, p. 96-109, 11.

ROLIM, K. I.; WENDLING, M. I. A história de nós dois: reflexões acerca da formação e dissolução da conjugalidade. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro , v. 25, n. 2, p. 165-180, jun. 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652013000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 mar. 2020.

SCOTT, J. **Gênero: Uma categoria útil para análise histórica**. Tradução Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. 2ª ed. Recife, SOS Corpo, 1995.

UFRGS. **Artigo: A pandemia de Covid-19 e o isolamento social: saúde versus economia**. Publicado em 28/03/2020, atualizado em 30/03/2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-a-pandemia-de-covid-19-e-o-isolamento-social-saude-versus-economia>. Acesso em: 19 de Abril. 2020

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência**. 10 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

VIANNA, M. E. R. C. A construção de uma relação de casal - uma relação de casal em construção. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 22, n. 47, p. 26-40, 3 mar. 2016.

ZERBINE, M. I. S. **Infidelidade - O virtual invade a conjugalidade: O que buscam os usuários de sites de infidelidade.** Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 192, 2014.